

CAPÍTULO XXI – Haverá falsos cristos e falsos profetas

Índice

Capítulo XXI – Haverá falsos cristos e falsos profetas	02
Conhece-se a árvore pelo fruto	02
A árvore e o fruto	08
Natureza e identidade dos Espíritos	11
Missão dos profetas	02
João Batista o precursor	13
O Consolador prometido	15
Prodígios dos falsos profetas	03
O Evangelho segundo Marcos	18
O Evangelho segundo Mateus	20
Não creias em todos os Espíritos	03
Mensagens de Paz	22
A obsessão	23
Instruções dos Espíritos. Os falsos profetas	04
Erasto, os falsos profetas e o critério espírita	26
O tesouro dos Espíritos	28
Caracteres do verdadeiro profeta	04
Conquistas do amor	31
Aprendendo com o profeta das selvas	34
Os falsos profetas da erraticidade	05
Novidadeiros	36
Trilhas da libertação	38
Jeremias e os falsos profetas	07
Entre falsas vozes	42
22 Ante falsos profetas	43

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – Allan Kardec

Capítulo XXI – Haverá falsos cristos e falsos profetas

1. Conhece-se a árvore pelo fruto

1. A árvore que produz maus frutos não é boa e a árvore que produz bons frutos não é má; porquanto, cada árvore se conhece pelo seu próprio fruto. Não se colhem figos nos espinheiros, nem cachos de uvas nas sarças. O homem de bem tira boas coisas do bom tesouro do seu coração e o mau tira as más do mau tesouro do seu coração; porquanto, a boca fala do que está cheio o coração.

(Lucas, 6:43 a 45.)

2. Guardai-vos dos falsos profetas que vêm ter convosco cobertos de peles de ovelha e que por dentro são lobos rapaces. Conhecê-los eis pelos seus frutos.

Podem colher-se uvas nos espinheiros ou figos nas sarças? Assim, toda árvore boa produz bons frutos e toda árvore má produz maus frutos. Uma árvore boa não pode produzir frutos maus e uma árvore má não pode produzir frutos bons. Toda árvore que não produz bons frutos será cortada e lançada ao fogo. Conhecê-la eis, pois, pelos seus frutos.

(Mateus, 7:15 a 20.)

3. Tende cuidado para que alguém não vos seduza; porque muitos virão em meu nome, dizendo: “Eu sou o Cristo”, e seduzirão a muitos.

Levantar-se-ão muitos falsos profetas que seduzirão a muitas pessoas; e porque abundará a iniquidade, a caridade de muitos esfriará. Mas aquele que perseverar até o fim se salvará.

Então, se alguém vos disser: “O Cristo está aqui, ou está ali”, não acrediteis absolutamente; porquanto falsos cristos e falsos profetas se levantarão e farão grandes prodígios e coisas de espantar, ao ponto de seduzirem, se fosse possível, os próprios escolhidos.

(Mateus, 24:4, 5, 11 a 13, 23 e 24; Marcos, 13:5, 6, 21 e 22.)

2. Missão dos profetas

4. Atribui-se comumente aos profetas o dom de adivinhar o futuro, de sorte que as palavras profecia e predição se tornaram sinônimas. No sentido evangélico, o vocábulo profeta tem mais extensa significação. Diz-se de todo enviado de Deus com a missão de instruir os homens e de lhes revelar as coisas ocultas e os mistérios da vida espiritual. Pode, pois, um homem ser profeta, sem fazer predições. Aquela era a ideia dos judeus, ao tempo de Jesus. Daí vem que, quando o levaram à presença do sumo sacerdote Caifás, os escribas e os anciãos, reunidos, lhe cuspiram no rosto, lhe deram socos e bofetadas, dizendo: “Cristo, profetiza para nós e dize quem foi que te bateu.” Entretanto, deu-se o caso de haver profetas que tiveram a presciência do futuro, quer por intuição, quer por providencial revelação, a fim de transmitirem avisos aos homens. Tendo-se realizado os acontecimentos preditos, o dom de predizer o futuro foi considerado como um dos atributos da qualidade de profeta.

3. Prodígios dos falsos profetas

5. “Levantar-se-ão falsos cristos e falsos profetas, que farão grandes prodígios e coisas de espantar, a ponto de seduzirem os próprios escolhidos.”

Estas palavras dão o verdadeiro sentido do termo prodígio. Na acepção teológica, os prodígios e os milagres são fenômenos excepcionais, fora das Leis da Natureza. Sendo estas, exclusivamente, obra de Deus, pode Ele, sem dúvida, derogá-las, se lhe apraz; o simples bom senso, porém, diz que não é possível haja Ele dado a seres inferiores e perversos um poder igual ao seu, nem, ainda menos, o direito de desfazer o que Ele tenha feito.

Semelhante princípio não no pode Jesus ter consagrado. Se, portanto, de acordo com o sentido que se atribui a essas palavras, o Espírito do mal tem o poder de fazer prodígios tais que os próprios escolhidos se deixem enganar, o resultado seria que, podendo fazer o que Deus faz, os prodígios e os milagres não são privilégio exclusivo dos enviados de Deus e nada provam, pois que nada distingue os milagres dos santos dos milagres do demônio. Necessário, então, se torna procurar um sentido mais racional para aquelas palavras.

Para o vulgo ignorante, todo fenômeno cuja causa é desconhecida passa por sobrenatural, maravilhoso e miraculoso; uma vez encontrada a causa, reconhece-se que o fenômeno, por muito extraordinário que pareça, mais não é do que aplicação de uma Lei da Natureza. Assim, o círculo dos fatos sobrenaturais se restringe à medida que o da Ciência se alarga. Em todos os tempos, homens houve que exploraram, em proveito de suas ambições, de seus interesses e do seu anseio de dominação, certos conhecimentos que possuíam, a fim de alcançarem o prestígio de um pseudo poder sobre-humano, ou de uma pretendida missão divina. São esses os falsos cristos e falsos profetas. A difusão das luzes lhes aniquila o crédito, donde resulta que o número deles diminui à proporção que os homens se esclarecem. O fato de operar o que certas pessoas consideram prodígios não constitui, pois, sinal de uma missão divina, visto que pode resultar de conhecimento cuja aquisição está ao alcance de qualquer um, ou de faculdades orgânicas especiais, que o mais indigno não se acha inibido de possuir, tanto quanto o mais digno. O verdadeiro profeta se reconhece por mais sérios caracteres e exclusivamente morais.

4. Não creias em todos os Espíritos

6. Meus bem-amados, não creias em qualquer Espírito; experimentai se os Espíritos são de Deus, porquanto muitos falsos profetas se têm levantado no mundo.
(João, 1a Epístola, 4:1.)

7. Os fenômenos espíritas, longe de abonarem os falsos cristos e os falsos profetas, como a, algumas pessoas aprez dizer, golpe mortal desferem neles. Não peçais ao Espiritismo prodígios, nem milagres, porquanto ele formalmente declara que os não opera. Do mesmo modo que a Física, a Química, a Astronomia, a Geologia revelaram as leis do mundo material, o Espiritismo revela outras leis desconhecidas, as que regem as relações do mundo corpóreo com o mundo espiritual, leis que, tanto quanto aquelas outras da Ciência, são Leis da Natureza. Facultando a explicação de certa ordem de fenômenos incompreendidos até o presente, ele destrói o que ainda restava do domínio do maravilhoso. Quem, portanto, se sentisse tentado a lhe explorar em proveito próprio os fenômenos, fazendo-se passar por messias de Deus, não conseguiria abusar por muito tempo da credulidade alheia e seria logo desmascarado. Aliás, como já se tem dito, tais fenômenos, por si sós, nada provam: a missão se prova por efeitos morais, o que não é dado a qualquer um produzir. Esse um dos resultados do desenvolvimento da ciência espírita; pesquisando a causa de certos fenômenos, de sobre muitos mistérios levanta ela o véu. Só os que preferem a obscuridade à luz, têm interesse em combatê-la; mas a verdade é como o Sol: dissipa os mais densos nevoeiros.

O Espiritismo revela outra categoria bem mais perigosa de falsos cristos e de falsos profetas, que se encontram, não entre os homens, mas entre os desencarnados: a dos Espíritos enganadores, hipócritas, orgulhosos e pseudossábios, que passaram da Terra para a erraticidade e tomam nomes venerados para, sob a máscara de que se cobrem, facilitarem a aceitação das mais singulares e absurdas ideias. Antes que se conhecessem as relações mediúnicas, eles atuavam de maneira menos ostensiva, pela inspiração, pela mediunidade inconsciente, audiente ou falante. É considerável o número dos que, em diversas épocas, mas, sobretudo, nestes últimos tempos, se hão apresentado como alguns dos antigos profetas, como o Cristo, como Maria, sua mãe, e até como Deus.

João adverte contra eles os homens, dizendo: “Meus bem-amados, não acrediteis em todo Espírito; mas experimentai se os Espíritos são de Deus, porquanto muitos falsos profetas se têm levantado no mundo.”

O Espiritismo nos faculta os meios de experimentá-los, apontando os caracteres pelos quais se reconhecem os bons Espíritos, caracteres sempre morais, nunca materiais. É à maneira de se distinguirem dos maus os bons Espíritos que, principalmente, podem aplicar-se estas palavras de Jesus: “Pelo fruto é que se reconhece a qualidade da árvore; uma árvore boa não pode produzir maus frutos, e uma árvore má não os pode produzir bons.” Julgam-se os Espíritos pela qualidade de suas obras, como uma árvore pela qualidade dos seus frutos.

5. Instruções dos Espíritos

1. Os falsos profetas

8. Se vos disserem: “O Cristo está aqui”, não vades; ao contrário, tende-vos em guarda, porquanto numerosos serão os falsos profetas. Não vedes que as folhas da figueira começam a branquear; não vedes os seus múltiplos rebentos aguardando a época da floração; e não vos disse o Cristo:

“Conhece-se a árvore pelo fruto?” Se, pois, são amargos os frutos, já sabeis que má é a árvore; se, porém, são doces e saudáveis, direis: “Nada que seja puro pode provir de fonte má.”

É assim, meus irmãos, que deveis julgar; são as obras que deveis examinar. Se os que se dizem investidos de poder divino revelam sinais de uma missão de natureza elevada, isto é, se possuem no mais alto grau as virtudes cristãs e eternas: a caridade, o amor, a indulgência, a bondade que concilia os corações; se, em apoio das palavras, apresentam os atos, podereis então dizer: Estes são realmente enviados de Deus.

Desconfiai, porém, das palavras melífluas, desconfiai dos escribas e dos fariseus que oram nas praças públicas, vestidos de longas túnicas. Desconfiai dos que pretendem ter o monopólio da verdade!

Não, não, o Cristo não está entre esses, porquanto os que Ele envia para propagar a sua santa doutrina e regenerar o seu povo serão, acima de tudo, seguindo-lhe o exemplo, brandos e humildes de coração; os que hajam, com os exemplos e conselhos que prodigalizem, de salvar a Humanidade, que corre para a perdição e pervaga por caminhos tortuosos, serão essencialmente modestos e humildes. De tudo o que revele um átomo de orgulho, fugi, como de uma moléstia contagiosa, que corrompe tudo em que toca. Lembrai-vos de que cada criatura traz na, frente, mas principalmente nos atos, o cunho da sua grandeza ou da sua inferioridade.

Ide, portanto, meus filhos bem-amados, caminhai sem tergiversações, sem pensamentos ocultos, na rota bendita que tomastes. Ide, ide sempre, sem temor; afastai, cuidadosamente, tudo o que vos possa entrar a marcha para o objetivo eterno. Viajores, só por pouco tempo mais estareis nas trevas e nas dores da provação, se abirdes o vosso coração a essa suave doutrina que vos vem revelar as leis eternas e satisfazer a todas as aspirações de vossa alma acerca do desconhecido. Já podeis dar corpo a esses silfos ligeiros que vedes passar nos vossos sonhos e que, efêmeros, apenas vos encantavam o espírito, sem coisa alguma dizerem ao vosso coração. Agora, meus amados, a morte desapareceu, dando lugar ao anjo radioso que conheceis, o anjo do novo encontro e da reunião! Agora, vós que bem desempenhado haveis a tarefa que o Criador confia às suas criaturas, nada mais tendes de temer da sua justiça, pois Ele é pai e perdoa sempre aos filhos transviados que clamam por misericórdia. Continuai, portanto, avançaí incessantemente. Seja vossa divisa a do progresso, do progresso contínuo em todas as coisas, até que, finalmente, chegueis ao termo feliz da jornada, onde vos esperam todos os que vos precederam.

(Luís, Bordeaux, 1861.)

5. Instruções dos Espíritos

2. Caracteres do verdadeiro profeta

9. Desconfiai dos falsos profetas. É útil em todos os tempos essa recomendação, mas, sobretudo, nos momentos de transição em que, como no atual, se elabora uma transformação da Humanidade, porque, então, uma multidão de ambiciosos e intrigantes se arvoram em reformadores e messias. É contra esses impostores que se deve estar em guarda, correndo a

todo homem honesto o dever de os desmascarar. Perguntareis, sem dúvida, como reconhecê-los. Aqui tendes o que os assinala:

Somente a um hábil general, capaz de o dirigir, se confia o comando de um exército. Julgais que Deus seja menos prudente do que os homens?

Ficai certos de que só confia missões importantes aos que Ele sabe capazes de as cumprir, porquanto as grandes missões são fardos pesados que esmagariam o homem carente de forças para carregá-los. Em todas as coisas, o mestre há de sempre saber mais do que o discípulo; para fazer que a Humanidade avance moralmente e intelectualmente, são precisos homens superiores em inteligência e em moralidade. Por isso, para essas missões são sempre escolhidos Espíritos já adiantados, que fizeram suas provas noutras existências, visto que, se não fossem superiores ao meio em que têm de atuar, nula lhes resultaria a ação.

Isto posto, haveis de concluir que o verdadeiro missionário de Deus tem de justificar, pela sua superioridade, pelas suas virtudes, pela grandeza, pelo resultado e pela influência moralizadora de suas obras, a missão de que se diz portador. Tirai também esta outra consequência: se, pelo seu caráter, pelas suas virtudes, pela sua inteligência, ele se mostra abaixo do papel com que se apresente, ou da personagem sob cujo nome se coloca, mais não é do que um histrião de baixo estofo, que nem sequer sabe imitar o modelo que escolheu.

Outra consideração: os verdadeiros missionários de Deus ignoram-se a si mesmos, em sua maior parte; desempenham a missão a que foram chamados pela força do gênio que possuem, secundado pelo poder oculto que os inspira e dirige a seu mau grado, mas sem desígnio premeditado. Numa palavra: os verdadeiros profetas se revelam por seus atos, são adivinhados, ao passo que os falsos profetas se dão, eles próprios, como enviados de Deus. O primeiro é humilde e modesto; o segundo, orgulhoso e cheio de si, fala com altivez e, como todos os mendazes, parece sempre temeroso de que não lhe deem crédito.

Alguns desses impostores têm havido, pretendendo passar por apóstolos do Cristo, outros pelo próprio Cristo, e, para vergonha da Humanidade, hão encontrado pessoas assaz crédulas que lhes creem nas torpezas.

Entretanto, uma ponderação bem simples seria bastante a abrir os olhos do mais cego, a de que se o Cristo reencarnasse na Terra, viria com todo o seu poder e todas as suas virtudes, a menos se admitisse, o que fora absurdo, que houvesse degenerado. Ora, do mesmo modo que, se tirardes a Deus um só de seus atributos, já não tereis Deus, se tirardes uma só de suas virtudes ao Cristo, já não mais o tereis. Possuem todas as suas virtudes os que se dão como o Cristo? Essa a questão. Observai-os, perscrutai-lhes as ideias e os atos e reconheceréis que, acima de tudo, lhes faltam as qualidades distintivas do Cristo: a humildade e a caridade, sobejando-lhes as que o Cristo não tinha: a cupidez e o orgulho. Notai, ademais, que neste momento há, em vários países, muitos pretensos Cristos, como há muitos pretensos Elias, muitos João ou Pedro e que não é absolutamente possível sejam verdadeiros todos.

Tende como certo que são apenas criaturas que exploram a credulidade dos outros e acham cômodo viver à custa dos que lhes prestam ouvidos.

Desconfiai, pois, dos falsos profetas, máxime numa época de renovação, qual a presente, porque muitos impostores se dirão enviados de Deus.

Eles procuram satisfazer na Terra à sua vaidade; mas uma terrível justiça os espera, podeis estar certos.

(Erasto, Paris, 1862.)

5. Instruções dos Espíritos

3. Os falsos profetas da erraticidade

10. Os falsos profetas não se encontram unicamente entre os encarnados.

Há-os também, e em muito maior número, entre os Espíritos orgulhosos que, aparentando amor e caridade, semeiam a desunião e retardam a obra de emancipação da Humanidade, lançando-lhe de través seus sistemas absurdos, depois de terem feito que seus médiuns os aceitem. E, para melhor fascinareм àqueles a quem desejam iludir, para dareм mais peso às suas teorias, se apropriam sem escrúpulo de nomes que só com muito respeito os homens pronunciam.

CAPÍTULO XXI – HAVERÁ FALSOS CRISTOS E FALSOS PROFETAS

São eles que espalham o fermento dos antagonismos entre os grupos, que os impelem a isolarem-se uns dos outros e a olharem-se com prevenção.

Isso por si só bastaria para os desmascarar, pois, procedendo assim, são os primeiros a dar o mais formal desmentido às suas pretensões. Cegos, portanto, são os homens que se deixam cair em tão grosseiro embuste.

Há, porém, muitos outros meios de serem reconhecidos. Espíritos da categoria em que eles dizem achar-se têm de ser não só muito bons, como também eminentemente racionais. Pois bem: passai-lhes os sistemas pelo crivo da razão e do bom senso e vede o que restará. Convinde, pois, comigo, em que, todas as vezes que um Espírito indica, como remédio aos males da Humanidade ou como meio de conseguir-se a sua transformação, coisas utópicas e impraticáveis, medidas pueris e ridículas; quando formula um sistema que as mais rudimentares noções da Ciência contradizem, não pode ser senão um Espírito ignorante e mentiroso.

Por outro lado, crede que, se nem sempre os indivíduos apreciam a verdade, esta é apreciada sempre pelo bom senso das massas, constituindo isso mais um critério. Se dois princípios se contradizem, achareis a medida do valor intrínseco de ambos, verificando qual dos dois encontra mais ecos e simpatias. Fora, com efeito, ilógico admitir-se que uma doutrina cujo número de adeptos diminua progressivamente seja mais verdadeira do que outra que veja o dos seus em contínuo aumento. Querendo que a verdade chegue a todos, Deus não a confina num círculo acanhado: fá-la surgir em diferentes pontos, a fim de que por toda a parte a luz esteja ao lado das trevas.

Repeli sem condescendência todos esses Espíritos que se apresentam como conselheiros exclusivos, pregando a separação e o insulamento. São quase sempre Espíritos vaidosos e medíocres, que procuram impor-se a homens fracos e crédulos, prodigalizando-lhes exagerados louvores, a fim de os fascinar e de tê-los dominados. São, geralmente, Espíritos sequiosos de poder e que, déspotas públicos ou nos lares, quando vivos, ainda querem vítimas para tiranizar depois de terem morrido. Em geral, desconfiai das comunicações que trazem um caráter de misticismo e de singularidade, ou que prescrevem cerimônias e atos extravagantes. Há sempre, nesses casos, motivo legítimo de suspeição.

Estai certos, igualmente, de que quando uma verdade tem de ser revelada aos homens, é, por assim dizer, comunicada instantaneamente a todos os grupos sérios, que dispõem de médiuns também sérios, e não a tais ou quais, com exclusão dos outros. Nenhum médium é perfeito, se está obsidiado; e há manifesta obsessão quando um médium só é apto a receber comunicações de determinado Espírito, por mais alto que este procure colocar-se.

Consequentemente, todo médium e todo grupo que considerem privilégio seu receber as comunicações que obtêm e que, por outro lado, se submetem a práticas que tendem para a superstição, indubitavelmente se acham presas de uma obsessão bem caracterizada, sobretudo quando o Espírito dominador se pavoneia com um nome que todos, encarnados e desencarnados, devem honrar e respeitar e não permitir seja declinado a todo propósito.

É incontestável que, submetendo ao crivo da razão e da lógica todos os dados e todas as comunicações dos Espíritos, fácil se torna rejeitar a absurdidade e o erro. Pode um médium ser fascinado, e iludido um grupo; mas a verificação severa a que procedam os outros grupos, a ciência adquirida, a alta autoridade moral dos diretores de grupos, as comunicações que os principais médiuns recebam, com um cunho de lógica e de autenticidade dos melhores Espíritos, justificarão rapidamente esses ditados mentirosos e astuciosos, emanados de uma turba de Espíritos mistificadores ou maus.

(Erasto, discípulo de Paulo, Paris, 1862.)

(Veja-se, na Introdução, item II: Controle universal do ensino dos Espíritos. O livro dos médiuns, 2a Parte, cap. XXIII, Da obsessão.)

5. Instruções dos Espíritos

4. Jeremias e os falsos profetas

11. Eis o que diz o Senhor dos Exércitos: “Não escuteis as palavras dos profetas que vos profetizam e que vos enganam. Eles publicam as visões de seus corações e não o que aprenderam da boca do Senhor.” — Dizem aos que de mim blasfemam: “O Senhor o disse, tereis paz; e a todos os que andam na corrupção de seus corações:

‘Nenhum mal vos acontecerá.’” — Mas qual dentre eles assistiu ao conselho de Deus? Qual o que o viu e escutou o que Ele disse? Eu não enviava esses profetas; eles corriam por si mesmos; Eu absolutamente não lhes falava; eles profetizavam de suas cabeças. Eu ouvi o que disseram esses profetas que profetizavam a mentira em meu nome, dizendo: “Sonhei, sonhei.” — Até quando essa imaginação estará no coração dos que profetizam a mentira e cujas profecias não são senão as seduções do coração deles? Se, pois, este povo, ou um profeta, ou um sacerdote vos interrogar e disser: “Qual o fardo do Senhor?” Dir-lhe-eis: “Vós mesmos sois o fardo e Eu vos lançarei bem longe de mim”, diz o Senhor. (Jeremias, 23:16 a 18, 21, 25, 26 e 33.)

É dessa passagem do profeta Jeremias que quero tratar convosco, meus amigos. Falando pela sua boca, diz Deus: “É a visão do coração deles que os faz falar.” Essas palavras claramente indicam que, já naquela época, os charlatães e os exaltados abusavam do dom de profecia e o exploravam.

Abusavam, por conseguinte, da fé simples e quase cega do povo, predizendo, por dinheiro, coisas boas e agradáveis. Muito generalizada se achava essa espécie de fraude na nação judia, e fácil é de compreender-se que o pobre povo, em sua ignorância, nenhuma possibilidade tinha de distinguir os bons dos maus, sendo sempre mais ou menos ludibriado pelos pseudoprofetas, que não passavam de impostores ou fanáticos. Nada há de mais significativo do que estas palavras: “Eu não enviei esses profetas e eles correram por si mesmos; não lhes falei e eles profetizaram.” Mais adiante, diz: “Eu ouvi esses profetas que profetizavam a mentira em meu nome, dizendo: “Sonhei, sonhei.” Indicava assim um dos meios que eles empregavam para explorar a confiança de que eram objeto. A multidão, sempre crédula, não pensava em lhes contestar a veracidade dos sonhos, ou das visões; achava isso muito natural e constantemente os convidava a falar.

Após as palavras do profeta, escutai os sábios conselhos do apóstolo João, quando diz: “Não acrediteis em todo Espírito; experimentai se os Espíritos são de Deus”, porque, entre os invisíveis, também há os que se comprazem em iludir, se se lhes depara ocasião. Os iludidos são, está-se a ver, os médiuns que se não precatam bastante. Aí se encontra, é fora de toda dúvida, um dos maiores escolhos em que muitos funestamente esbarram, mormente se são novatos no Espiritismo. É-lhes isso uma prova de que só com muita prudência podem triunfar. Aprendei, pois, antes de tudo, a distinguir os bons e os maus Espíritos, para, por vossa vez, não vos tornardes falsos profetas.

(Luoz, Espírito protetor, Carlsruhe, 1861.)

Crônicas e Artigos

Nº 150 – 21/03/2010

O Consolador – (Vinícius Lousada)

I. Conhece-se a árvore pelo fruto

A árvore e o fruto

“Cada árvore se conhece pelo seu próprio fruto; pois não se colhem figos dos espinheiros, nem se vindimam uvas dos abrolhos.”

(Jesus) (1)

OPORTUNA METÁFORA

Jesus apresenta-nos uma oportuna metáfora que permite fazer uma avaliação de várias propostas dos campos do conhecimento humano, tanto quanto das gentes que as apresentam. Podemos avaliar o valor de uma filosofia ou de uma orientação religiosa qualquer pelo que a mesma dissemina nos caminhos dos seus profíctes.

Assim, o preclaro Codificador Allan Kardec, na esteira do ensinamento do Grande Mestre Jesus, apresenta-nos no Código da Vida – O Evangelho segundo o Espiritismo – uma revisão dessa máxima lembrando que o cristão é reconhecido pelas suas obras, assim como o fruto denuncia a natureza da árvore que o produz ressaltando, ainda, que o “primeiro cuidado de todo espírita sincero deve ser o de procurar saber se, nos conselhos que os Espíritos dão, alguma coisa não há que lhe diga respeito”.(2)

UM ALERTA DE KARDEC

A Revista Espírita se configura num estudo que revela o processo de construção da Ciência Espírita e, ao mesmo tempo, num repositório da Filosofia Espírita cuja fonte são as comunicações dos Espíritos Superiores.

Num de seus esclarecedores textos, Kardec apresenta um alerta a respeito do que ele convencionou chamar de “falsos irmãos e amigos inábeis”(3), aliás, expressão da qual se utiliza para nomear o artigo com que nos ocuparemos nessa reflexão.

O mestre lionês refere-se, inicialmente, às atitudes irrefletidas de certos adeptos que deixam de lado a prudência e agem com um zelo terrível pela Doutrina, gerando mais mal do que bem porque, segundo ele, “não calculam bem o alcance de seus atos e de suas palavras, produzindo, por isso mesmo, uma impressão desfavorável sobre as pessoas ainda não iniciadas na doutrina, mais própria a afastá-las do que as diatribes dos adversários”(4).

Para o Codificador, o Espiritismo estaria mais espalhado, realizando consolações e libertando consciências pelo esclarecimento de sua filosofia racional se não fossem as atitudes impensadas de alguns adeptos descuidados dos conselhos da prudência.

Aqui ressalta do texto, em análise, a preocupação do missionário da era nova quanto à postura insensata daqueles adeptos que pareciam crer na infalibilidade de suas opiniões pessoais, descartando o conselho da maioria e, do mesmo modo, a recomendação da prudência que aponta a necessidade de se pensar com maturidade antes de agir, ouvindo também a opinião de seus pares.

A crença na própria infalibilidade denotaria orgulho ou obsessão. O adepto de uma doutrina como o Espiritismo, que consiste num imenso campo de saber a descobrir e aprofundar através do estudo sério da produção kardequiana, que por sua vez imagine a si mesmo detentor exclusivo da razão, demonstra atitude incoerente para com o bom senso recomendado e “encarnado” na prática por Allan Kardec, conforme a expressão de Camille Flammarion ante seu túmulo.

CAPÍTULO XXI – HAVERÁ FALSOS CRISTOS E FALSOS PROFETAS

Por outro lado, quando nos cremos os únicos dotados de bom senso, detentores da verdade e quase “mais espíritas que Kardec”, estamos, possivelmente, apresentando um processo obsessivo definido em O Livro dos Médiuns como o de fascinação. Recordemos que a fascinação se caracteriza, principalmente, pela influência do Espírito sobre o pensamento daquele que é objeto de sua ação pertinaz, paralisando-lhe o discernimento.

Segue o texto da Revue se referindo ainda a outras posturas dos amigos inábeis do Espiritismo. Kardec destaca a questão das publicações intempestivas ou excêntricas, o que quer dizer, aqueles escritos ditados pelos Espíritos que deveriam levar o tempo necessário de maturação da cultura ou das ciências para que viessem a lume, ou ainda, aquelas comunicações que deveriam ser, como todas e sem exceção, objeto de análise e estudo comparativo em relação ao ensino universal dos Espíritos.

De igual modo, o exame sério dos ditados oriundos do mundo invisível evitaria sobremaneira o despropósito das publicações que denigrem a imagem da Doutrina Espírita e que geram desnorteio quanto ao seu lúcido conteúdo, cuja autoridade está fundamentada no ensino coletivo dado pelos Espíritos Superiores. Isso eliminaria publicações que somente revelam sistemas particulares de Espíritos personalistas e pseudossábios.

Outro assunto considerado mais grave ainda pelo Codificador trata-se dos falsos adeptos. O artigo aponta para uma estratégia dos adversários do Espiritismo dos dois planos da vida: produzir fatos comprometedores ou fazer com que os sujeitos que aderem à Doutrina os levem a efeito, fabricando-se, pouco a pouco, intrigas ocultas supostamente capazes de desacreditar ou arruinar o Espiritismo.

Os falsos adeptos eram pessoas que o modo de vida, as suas relações e antecedentes inspiravam pouca confiança quanto às suas convicções concernentes ao ensino espírita. Apresentavam uma admiração fanática e se supunham mártires da Doutrina, nada obstante, como afirma Kardec, “não atraem simpatias: um fluido malsão parece envolvê-los e sua presença nas reuniões lança um manto de gelo”(5).

Mas o golpe de misericórdia na caracterização dos falsos adeptos do Espiritismo está na seguinte referência que, apesar de longa, nos permitimos citar para que possamos pensar em diálogo com o texto kardequiano:

“O que caracteriza principalmente esses pretensos adeptos é sua tendência em fazer o Espiritismo sair de seus caminhos de prudência e de moderação pelo seu ardente desejo do triunfo da verdade; a impelir as publicações excêntricas, a se extasiar de admiração diante das comunicações apócrifas mais ridículas, e que eles têm o cuidado de difundir; a provocar, nas reuniões, assuntos comprometedores sobre a política e a religião, sempre para o triunfo da verdade que não precisam ter sob o alqueire; seus elogios sobre os homens e as coisas são golpes de turíbulo a quebrar cinquenta faces: são os fanfarrões do Espiritismo.

Outros são mais adocicados e mais insinuantes; sob seu olhar oblíquo e com palavras melosas, sopram a discórdia, pregando a desunião; lançam jeitosamente sobre o tapete questões irritantes ou ferinas, assunto de natureza a provocar dissidências; excitam um ciúme de preponderância entre os diferentes grupos, e ficam encantados em vê-los se lançarem pedra, e, em favor de algumas divergências de opinião sobre certas questões de forma e de fundo, o mais frequentemente provocadas, levantar bandeira contra bandeira” (6).

Meditemos em torno dessa rica análise que o Codificador nos apresenta a partir de suas vivências no movimento espírita nascente e logo seremos levados a admitir a atualidade de suas palavras. Pensemos nisso não como quem procura culpados aqui ou acolá. Simplesmente, revivamos na

CAPÍTULO XXI – HAVERÁ FALSOS CRISTOS E FALSOS PROFETAS

memória essas assertivas e perguntemos a nós mesmos, em nossos momentos de oportuna introspecção: o que estamos fazendo dessa Doutrina em nossos fazeres espiritistas?

As imposturas no movimento espírita revelam, conforme cada caso, vaidades, obsessões, má-fé, mas, sobretudo, ignorância quanto à Filosofia Espírita e as suas consequências morais. Portanto, é justo recordemos outro alerta de Kardec: “o Espiritismo é mais entravado pelos que o compreendem mal do que pelos que não o compreendem absolutamente, e, mesmo pelos inimigos declarados”(7).

Os pretensos adeptos não somente procuravam afastar a ação espírita da finalidade séria de seu conteúdo filosófico – que, segundo Kardec, não os interessava – como, igualmente, organizavam reuniões, as de diálogo e estudo com os Espíritos, em lugares impróprios e atraíam estranhos para as mesmas, misturando o que deveria ser encarado com religioso respeito com aquilo que é profano e vulgar.

Outros ainda se dedicariam a publicações de ideias que na aparência professariam os princípios do Espiritismo e que, através do estudo das mesmas, seria fácil identificar o objetivo de fomentar dissensões no seio da família espírita.

CONTRAPONTO PRÁTICO

Allan Kardec, ao nos apresentar esse grave texto sobre os “falsos irmãos e amigos inábeis”, não deixa de se referir ao contraponto destas imposturas cujo critério de verdade está na práxis do adepto do Espiritismo.

Diz-nos ele: “não nos poderíamos equivocar quanto ao caráter do verdadeiro espírita; há nele uma franqueza de atitudes que desafia toda suspeição, sobretudo quando corroborada pela prática dos princípios da doutrina”(8).

Desse modo, para que possamos investigar quanto à qualidade de nossos serviços prestados ao Espiritismo ou para que tenhamos um critério de verdade visando saber com quem estamos lidando nas hostes espiritistas – evitando-se ingenuidade que mais faz mal do que bem – observemos com autocrítica e criticidade construtiva o que nós todos estamos apresentando em nossas atitudes dentro e fora de nossas atividades de cunho exclusivamente espírita.

Prossigamos em nossos estudos em torno da produção kardequiana, procurando compreender e viver em profundidade o pensamento espírita.

(1) **Lucas** 43:44.

(2) **Kardec** Allan, O Evangelho segundo o Espiritismo, (cap. XVIII, item 12.)

(3) **Kardec** Allan, Revista Espírita, jornal de estudos psicológicos, (p. 109-118.)

(4) **Kardec** Allan, Revista Espírita, jornal de estudos psicológicos, (p. 110.)

(5) **Kardec** Allan, Revista Espírita, jornal de estudos psicológicos, (p. 112.)

(6) **Kardec** Allan, Revista Espírita, jornal de estudos psicológicos, (p. 113.)

(7) **Kardec** Allan, Revista Espírita, jornal de estudos psicológicos, (p. 431.)

(8) **Kardec** Allan, Revista Espírita, jornal de estudos psicológicos, (p. 117.)

Crônicas e Artigos

Nº 103 – 19/04/2009

O Consolador – (Rogério Coelho)

I. Conhece-se a árvore pelo fruto

Natureza e identidade dos Espíritos

“A melhor de todas as provas de identidade dos Espíritos está na linguagem e nas circunstâncias fortuitas”

(Allan Kardec). (1)

Disse Jesus que uma árvore se deixa conhecer pelos seus frutos, não podendo uma árvore má dar bons frutos nem uma árvore boa dar maus frutos.

O “discípulo amado” recomendou – explicitamente – que não podemos jamais descurar de “experimentar se os Espíritos são de Deus”, numa clara alusão ao cuidado que devemos ter quando caminhamos portas adentro do Espiritismo prático. Nessa delicada e especialíssima área, a mistificação, o engodo e os alçapões armados pelos inimigos da luz são terríveis, porém, evitáveis escolhos.

Aprendemos com o Mestre Lionês que: (2)

“se a fidelidade absoluta dos Espíritos é, em muitos casos, uma questão acessória e sem importância, o mesmo já não se dá com a distinção a ser feita entre bons e maus Espíritos. Pode ser-nos indiferente a individualidade deles; suas qualidades, nunca.

Já dissemos que os Espíritos devem ser julgados, como os homens, pela linguagem de que se utilizam.

Suponhamos que um homem receba vinte cartas de pessoas que lhe são desconhecidas. Pelo estilo, pelas ideias, por uma imensidade de indícios, enfim, verificará se aquelas pessoas são instruídas ou ignorantes, polidas ou mal-educadas, superficiais, profundas, frívolas, orgulhosas, levianas, sentimentais etc. Assim, também, com os Espíritos. Devemos considerá-los correspondentes que nunca vimos e procurar conhecer o que pensaríamos do saber e do caráter de um homem que dissesse ou escrevesse tais coisas.

Pode estabelecer-se como regra invariável e sem exceção que: a linguagem dos Espíritos está sempre em relação com o grau de elevação a que já tenham chegado. Os Espíritos realmente superiores não só dizem unicamente coisas boas, como também as dizem em termos isentos, de modo absoluto, de toda trivialidade.

Mesmo entre os adeptos do Espiritismo, a questão da identidade dos Espíritos é uma das mais controvertidas. Os Espíritos não têm “R.G.” ou “C.P.F.” e sabe-se com que facilidade alguns dentre eles tomaram nomes que não lhes pertenciam. Esta, por isso mesmo, é, depois da obsessão, uma das maiores dificuldades do Espiritismo prático. Há uma distinção que importa fazer: à medida que os Espíritos se purificam e se elevam na hierarquia, os caracteres distintivos de suas personalidades se apagam, de certo modo, na uniformidade da perfeição; nem por isso, entretanto, conservam eles menos suas individualidades. Nesse passo, os nomes que tiveram na Terra, em suas inúmeras reencarnações, passam a ser coisa de absoluta insignificância. Dado, porém, que de nomes precisamos para fixarmos as nossas ideias, podem eles tomarem o de uma personagem conhecida, cuja natureza mais identificada seja com a deles. É assim que os nossos Amigos Espirituais se dão, às vezes, a se conhecer pelos nomes que nos são familiares, e geralmente pelo daquele que nos inspire mais simpatia. Segue-se daí que se um Espírito se dá a conhecer pelo nome de S. Pedro, por exemplo, na verdade, nenhuma garantia podemos ter que realmente trata-se desse Santo. Tanto pode ser ele, como um Espírito inteiramente desconhecido,

CAPÍTULO XXI – HAVERÁ FALSOS CRISTOS E FALSOS PROFETAS

mas pertencente à família dos Espíritos de que faz parte S. Pedro; e, assim, estar autorizado a falar em seu nome.

Agora, o caso muda, completamente, de figura, quando um Espírito de ordem inferior se adorna com um nome respeitável, para que suas palavras mereçam crédito e este caso é de tal modo frequente que toda precaução não será demasiada contra semelhantes substituições. Graças a esses nomes de empréstimo, e sobretudo com o auxílio da fascinação, que alguns Espíritos sistemáticos, mais orgulhosos do que sábios, procuram tornar aceitas as mais ridículas ideias.

A questão da identidade é, como dissemos, quase indiferente quando se trata de instruções gerais, uma vez que os melhores Espíritos podem substituir-se mutuamente, sem maiores consequências. Ora, desde que o ensino seja bom, pouco importa que aquele que o deu se chame Pedro ou Paulo. O julgamento deve sempre ter por base a qualidade e não as insígnias do Espírito.

Para que nosso trânsito pelo Espiritismo prático não se torne mera aventura de consequências imprevisíveis, faz-se mister conscientizarmo-nos da seriedade desse assunto, e, por assim considerá-lo, Allan Kardec desenvolveu em cinquenta e sete parágrafos, no capítulo vinte e quatro, de “**O Livro dos Médiuns**”, itens 267 e 268, importantíssimas questões que, ignoradas, certamente nos envolverão em verdadeiros e caudalosos desastres no mister mediúnico.

Finalizemos com uma importante observação de São Luís (3):

“Qualquer que seja a confiança legítima que vos inspirem os Espíritos que presidem aos vossos trabalhos, uma recomendação há que nunca será demais repetir e que deveríeis ter presente sempre na vossa lembrança, quando vos entregais aos vossos estudos: é a de meditar, é a de submeter ao cadinho da razão mais severa todas as comunicações que receberdes; é a de não deixardes de pedir explicações necessárias a formardes opinião segura, desde que um ponto vos pareça suspeito, duvidoso ou obscuro”.

Referências:

- (1) **Kardec** Allan, O Livro dos Médiuns, (Capítulo XXIV, item 260.)
- (2) **Kardec** Allan, O Livro dos Médiuns, (Capítulo XXIV, itens 255, 256, 262 e 263.)
- (3) **Kardec** Allan, O Livro dos Médiuns, (Capítulo XXIV, item 266.)

Clássicos do Espiritismo

Nº 304 – 24/03/2013

O Consolador – (Altamirando Carneiro)

II. Missão dos profetas

João Batista o precursor

Antes da vinda de Jesus, reencarnaram na Terra muitos missionários, com o objetivo de preparar o povo da época para receber os ensinamentos do Mestre.

Entre esses missionários estava João (Yohanan, em hebraico), que ficou conhecido como João, o Batista, porque batizava nas águas do Rio Jordão.

Segundo relata o Evangelho de Lucas, 1:5, ele era filho de Zacarias, sacerdote da classe da Abias, um dos 24 grupos que serviam no Templo de Jerusalém; e de Izabel, uma das filhas de Aarão e prima de Maria de Nazaré.

João Batista nasceu seis meses antes do nascimento de Jesus. Gabriel, o mesmo Espírito que anunciou a Maria o nascimento de Jesus, também anunciou o nascimento de João. Diz Lucas, 1:7, que eles não tinham filhos, porque Isabel era estéril e ambos estavam em idade avançada.

Por isso, Zacarias não acreditou em Gabriel.

Segundo o versículo 20 do mesmo capítulo do Evangelho de Lucas, ele ficou mudo, só voltando a falar quando do nascimento do filho.

A obra A Vida Diária nos Tempos de Jesus, de Henri Daniel-Rops (Edições Vida Nova), informa que os judeus não tinham sobrenome, embora isto não signifique que o sentimento familiar não fosse altamente desenvolvido entre eles.

“O filho recebia necessariamente o nome do pai, como acontece com os árabes hoje.

O menino era chamado ‘filho de fulano’, bem em hebraico e bem em aramaico: por exemplo, João bem Zacarias, ou Yesua bem José.

Conhecido também como a Voz que clama no deserto, João Batista é uma das figuras mais proeminentes do Novo Testamento, que preparou os caminhos para a vinda de Jesus. Batizava com água, ato simbólico que representava o arrependimento.

Jesus submeteu-se ao batismo de João, não só porque era um costume da época, mas por ser o sinal através do qual passaria a ser conhecido pelas multidões.

O Evangelho de Marcos, 1:5 e 6, registra que toda a província da Judeia e todos os habitantes de Jerusalém iam ter com ele, que andava vestido de pelos de camelo e com cinto de couro e comia gafanhotos e mel silvestre.

O citado livro de Henri Daniel-Rops informa que havia, na época, 800 espécies comestíveis de gafanhotos, quatro em uso corrente.

Algumas vezes, eram cozidos com água salgada. O sabor era parecido com o do camarão.

Alguns tinham a cor do camarão; outras vezes retiravam a cauda e a cabeça e colocaram no sol para secar. Eram colocados num recipiente com mel ou vinagre ou moídos e transformados em pó.

Esse pó, de sabor amargo, era misturado com farinha de trigo para fazer um biscoito muito apreciado, parecido com aqueles que os cozinheiros chineses produzem com o nome de “pó de camarão”.

Preso por Herodes Antipas pela raiva que despertara nele quando João o acusou de violar a lei judaica ao casar-se com Herodíades, mulher de seu meio-irmão Herodes Felipe, João Batista foi degolado num banquete oferecido por Herodes, quando a filha de Herodíades, Salomé, dançou para o rei e tanto lhe agradou que este prometeu dar a ela o que pedisse.

Instigada pela mãe, que odiava João pelas acusações feitas a ela, Salomé pediu a cabeça de João Batista. Embora relutante, mas obrigado a cumprir a palavra, Herodes mandou cortar a cabeça do profeta e entregou-a à enteada numa bandeja.

Cumpriu-se, assim, a lei da causa e efeito, pois João, na encarnação como o profeta Elias, ordenou que decapitassem os profetas de Baal

(I Reis, 18:40).

Jesus disse que João Batista era o maior entre os nascidos de mulheres, ou seja, o Espírito mais evoluído que os Espíritos dos demais profetas.

CAPÍTULO XXI – HAVERÁ FALSOS CRISTOS E FALSOS PROFETAS

Para tanto, além de ter sido a reencarnação do profeta Elias, certamente teve muitas reencarnações. Investido da missão fulgurante de ser o precursor da vinda de Jesus (Lucas, 1:17), João Batista usou o batismo pela água como a fórmula por ele eleita para atrair as multidões, preparando-as para melhor assimilar os ensinamentos que Jesus viria revelar.

No folheto O Batismo (O Clarim), Cairbar Schutel explica que o batismo de Jesus é o batismo do Espírito e do fogo, uma graça invisível que vem do Alto e que produz, em todos os que a receberam, a fé sincera, a prática das virtudes ativas e os esforços para a regeneração e a formação do caráter.

E essa graça que vem do Alto é forte e marca como o fogo.

Emmanuel, em O Consolador, diz que “Os espiritistas sinceros, na sagrada missão de paternidade, devem compreender que o batismo, aludido no Evangelho, é o da invocação das bênçãos divinas para quantos a eles se reúnem no instituto sacrificado da família.

O espiritista deve entender o batismo como o apelo do seu coração ao Pai de Misericórdia, para que os seus esforços sejam santificados no trabalho de conduzir as almas a Ele confiadas no instituto familiar, compreendendo, além do mais, que esse ato de amor e de compreensão divino deve ser continuado por toda a vida, na renúncia e no sacrifício, em favor da perfeita cristianização do trabalho e da dedicação”.

Crônicas e Artigos

Nº 119 – 09/08/2009

O Consolador – (Luiz Pessoa Guimarães)

II. Missão dos profetas

O Consolador prometido

Iniciamos nosso artigo, lembrando a história de Jesus; veio ao mundo, anunciado pelos profetas, várias passagens de sua existência, reveladas nos Livros da Lei foram confirmadas na vida real. Como Messias, surgiu no seio da religião dominante, educado conforme as normas religiosas vigentes, participando com seus progenitores de todos os eventos religiosos que aconteciam na época; veio cumprir o programa do Pai, cumprir a sua missão. Estabelecer uma nova ordem, estabelecer a Lei do Amor.

Os homens sempre pedem aos céus os sinais, as evidências pelas quais possam reconhecer aqueles que vêm cumprir na Terra os desígnios do Criador. Os sinais são enviados, as evidências ocorrem e os missionários enviados cumprem a vontade do Pai que, geralmente, não é a vontade dos que dominam. Os homens se impõem e isto é contra as Leis naturais que se estabelecem harmonizando e equilibrando.

A história de Jesus, não necessitamos lembrá-la; e por não serem aceitas as suas Verdades e não serem convenientes as suas propostas, apesar de todos os sinais e da beleza de sua mensagem, não foi reconhecido como o Messias pelos lúdimos posseiros da Revelação Mosaica.

Apesar de tudo, surgiram aqueles que, sensíveis à Nova Revelação, souberam absorver as lições do Mestre e, identificados com os seus propósitos e princípios, abraçaram a missão de propagar a Boa Nova a todas as criaturas, surgindo então o movimento conhecido como o Cristianismo.

Antes de seu desencarne, Jesus deixou registrado entre seus apóstolos que, após a sua partida, eles não ficariam desamparados, e descreveu algumas características daquele que deveria dar continuidade à sua Missão na Terra. Passamos a transcrever os registros referentes a este episódio, que extraímos de “A Bíblia Sagrada”, traduzida por João Ferreira de Almeida e publicada pela Imprensa Bíblica Brasileira em 1962.

S. João, Cap.14 ver. 16, 17 e 26. – E eu rogarei ao Pai, e Ele vos dará outro Consolador, para que fique convosco para sempre; **O Espírito de Verdade**, que o mundo não pode receber, porque não o vê nem o conhece; mas vós o conheceis, porque habita convosco, e estará em vós. Mas aquele Consolador, o Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome, **esse vos ensinará todas as coisas, e vos fará lembrar de tudo o que tenho dito.**

S. João, Cap. 16 ver. 12,13 – **Ainda tenho muito que vos dizer, mas vós não o podeis suportar agora.** Mas quando vier aquele Espírito de Verdade, **ele vos guiará em toda a verdade; porque não falará de si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido, e vos anunciará o que há de vir.**

Nosso objetivo, neste artigo, é demonstrar que 2000 anos depois os fatos se repetem com os mesmos componentes demonstrados por ocasião da vinda do Cristo. Manifesta-se em Paris, em 1857, o Espírito de Verdade e apresenta ao mundo a Doutrina dos Espíritos, no seio das Religiões dominantes, conforme prometido pelo Cristo.

De novo, no seio das religiões estabelecidas, por meio de seus adeptos, Deus revela conforme a promessa de Jesus. Mas a Revelação Divina, apesar de seu conteúdo, não atende aos anseios daqueles que dominam e não querem abrir mão do poder conquistado. E, novamente, aqueles sensíveis a mais esta Revelação Divina são os responsáveis por trazê-la até os dias de hoje.

Apesar de nos dias atuais a Doutrina dos Espíritos ser divulgada com ampla liberdade e ter a seu dispor todos os meios de comunicação disponíveis, existem ainda alguns sacerdotes e pastores que insistem em vinculá-la ao demônio, insuflando àqueles menos informados, certo temor em examinar o conteúdo do Espiritismo, além daqueles que ainda frequentam as Casas Espíritas “escondidos” de seus pares. Sem esquecer que de vez em quando voltamos a escutar aquele velho chavão de que “os espíritas não são cristãos”.

Nosso objetivo aqui é provar que Jesus designou o seu sucessor como sendo o Consolador Espírito de Verdade e, pelas características apontadas pelo Cristo, o Espiritismo é este Consolador Prometido.

Em Paris, 1860, o **Espírito de Verdade** dirige-se aos espíritas: Espíritas! Amai-vos, este o primeiro ensinamento; Instrui-vos, este o segundo.

No Cristianismo se encontram todas as verdades; são de origem humana os erros que nele se enraizaram. Eis que do Além-túmulo, que julgáveis o nada, vozes vos clamam: Irmãos! Nada perece.

Jesus Cristo é o vencedor do mal, sede os vencedores da impiedade.

Duas condições, apontadas pelo Cristo em João, transcritas acima, estão aí evidenciadas:

1 – **O Espírito de Verdade;**

2 – **Não falará de si mesmo.** Enumeramos abaixo as condições:

3 – **Consolare**

4 – **Esclarecer.**

Em quais situações o **Espiritismo consola?**

– **Perda de entes queridos:** A morte não existe. Como o nascimento é a ligação do espírito e seu corpo incorruptível (Paulo) ao corpo físico, a morte é o desligamento deste espírito do corpo material que não reúne mais condições de permitir-lhe as manifestações, retornando ao Plano Espiritual, como Jesus, plenamente vivo e imortal.

– **Animais:** Não são seres à parte da criação, mas o princípio espiritual com uma alma em sua trajetória evolutiva.

– **Sentimento de Antipatia entre alguns familiares:** Retorno ao mesmo palco na condição de familiar daqueles que em reencarnações passadas viveram situações de conflito, com o objetivo de reconciliação na vida presente.

– **Pobreza e Riqueza:** Provas na vida presente, que devemos vencer com resignação e caridade para aproveitarmos a vida atual.

– **Parentes de Criminosos:** Nosso ente querido paga a pena com a sociedade e não está condenado ao inferno; sua consciência culpada o conduzirá ao reajuste em nova existência com aquele que houver prejudicado na vida atual, quando, a partir de então, poderá seguir livre rumo à perfeição.

Em quais situações o **Espiritismo esclarece?**

– **Adão e Eva:** O ser humano, bem como os animais e todos os seres vivos são produtos do processo evolutivo realizado nos mundos criados por Deus e que consistem no nosso Universo, repleto de mundos habitados e onde a vida se expressa de diferentes modos materiais e imateriais, permitindo ao Espírito de homens e mulheres, criados da mesma forma, simples e ignorantes, moldar sua perfectibilidade.

– **Mundo em seis dias:** Condizente com as provas geológicas, o Espiritismo mostra que os mundos foram formados em bilhões de anos e que as eras geológicas são condizentes com a forma poética que a Escritura descreve aos habitantes daquela época, segundo sua capacidade de entendimento.

– **Nascimento e Morte:** São processos naturais de preparação, ligação, vivência e evolução, desligamento e retorno do ser imaterial à sua pátria de origem, o mundo espiritual.

– **Meu reino não é deste Mundo:** Descrição, amostras, experiências e constatações sobre a vida espiritual, seus habitantes e constituição.

CAPÍTULO XXI – HAVERÁ FALSOS CRISTOS E FALSOS PROFETAS

– **Reencarnação:** Pluralidade das existências, permitindo nossa evolução, aprendizado, reajuste e justiça de Deus, tornando-nos artífices de nossa perfeição.

Ficaríamos escrevendo eternamente, não fosse a necessidade de afirmar, peremptoriamente: **O Espiritismo é o Consolador prometido por Jesus.** Aqueles que enfrentaram todas as vicissitudes para permitir que esta doutrina chegasse até nós de forma tão clara e abundante de provas são os **verdadeiros cristãos**, responsáveis por identificar e preservar o Cristianismo Redivivo. Pelo exposto, de forma consciente, coloquemos de uma vez por todas as coisas nos seus devidos lugares, sem necessidade de privarmos nossos filhos do convívio do Consolador Prometido, obrigando-os a cumprir rituais e dogmas a que fomos vinculados no passado. Quando ouvirmos os velhos e superados chavões contra os espíritas, tenhamos em mente as palavras de Jesus: **Conhecereis a Verdade e a Verdade vos libertará.**

Estudo Sistematizado do Novo Testamento

III. Prodígios dos falsos profetas

Nº 169 – 01/08/2010

O Consolador – (Thiago Bernardes)

O Evangelho segundo Marcos

34. O fim ninguém sabe quando virá, só o Pai – Na sequência do sermão, Jesus advertiu que se levantariam falsos Cristos e falsos profetas, que fariam milagres e prodígios para enganar os eleitos, se possível fosse: “Estai vós de sobreaviso; de antemão vos tenho dito todas as cousas. Mas naqueles dias, depois daquela tribulação, o sol escurecerá, a lua não dará a sua claridade, as estrelas cairão do céu e as potestades celestes serão abaladas. Então será visto o Filho do homem, vindo nas nuvens com grande poder e glória. Ele enviará os anjos e ajuntará os seus eleitos dos quatro ventos, da extremidade da terra à extremidade do céu”. Ditas essas cousas, Jesus deixou bem claro que ninguém sabia quando tais fatos se dariam, nem os anjos, nem o Filho, mas apenas o Pai.
(Marcos, 13:21 a 13:32.)

35. “Os pobres sempre os tereis”, asseverou Jesus – Dali a dois dias era a Páscoa(1) e a festa dos pães asmos; e os príncipes dos sacerdotes e os escribas buscavam como prender Jesus, acusando-o de dolo, para depois o matar. Uma coisa, porém, era certa: não o fariam na festa, para que não houvesse alvoroço entre o povo. Foi então que, estando ele em Betânia, em casa de Simão, o leproso, veio uma mulher que trazia um vaso de alabastro contendo unguento de nardo puro, de grande valor. A mulher, quebrando o vaso, derramou-o sobre a cabeça de Jesus. Ao verem aquilo, alguns se indignaram, dizendo: “Para que se fez este desperdício de unguento?” E alegavam que o produto poderia ser vendido por mais de trezentos dinheiros e tal quantia ser dada aos pobres. Quando eles bramavam contra a mulher, Jesus os advertiu, dizendo: “Deixai-a, para que a molestais? Ela fez-me boa obra. Porque sempre tendes os pobres convosco, e podeis fazer-lhes bem, quando quiserdes; mas a mim nem sempre me tendes. Esta fez o que podia; antecipou-se a ungir o meu corpo para a sepultura. Em verdade vos digo que, em todas as partes do mundo onde este evangelho for pregado, também o que ela fez será contado para sua memória”. Judas Iscariotes, um dos doze, foi ter então com os príncipes dos sacerdotes para lho entregar. Estes, ouvindo-o, folgaram e prometeram dar-lhe dinheiro, enquanto Judas estudava como fazer para o entregar em ocasião oportuna.
(Marcos, 14:1 a 14:11.)

36. A ceia do Senhor e o sangue do Novo Testamento – Após apontar o discípulo que haveria de traí-lo, Jesus asseverou: “Na verdade o Filho do homem vai partir, como dele está escrito, mas aí daquele homem por quem o Filho do homem é traído! Bom seria para o tal homem não haver nascido”. A ceia prosseguiu. Jesus então, tomando o pão e abençoando-o, partiu-o e deu lho, dizendo: “Tomai, comei, isto é o meu corpo”. A seguir, tomando o cálice e dando graças, deu lho; e todos beberam dele. Jesus então disse: “Isto é o meu sangue, o sangue do Novo Testamento, que por muitos é derramado. Em verdade vos digo que não beberei mais do fruto da vide, até àquele dia em que o beber novo, no reino de Deus”. (Marcos, 14:21 a 14:25.)

37. Jesus prediz que Pedro o negará três vezes – Após comer a ceia de páscoa e cantar o hino, Jesus e seus discípulos saíram para o Monte das Oliveiras. Afirmou-lhes, então, o Mestre: “Todos vós esta noite vos scandalizareis em mim; porque está escrito: **Ferirei o pastor, e as ovelhas se dispersarão**. Mas, depois que eu houver ressuscitado, irei adiante de vós para a Galileia”. Pedro, adiantando-se aos demais, disse-lhe: “Ainda que todos se scandalizem, nunca, porém, eu”. Jesus replicou: “Em verdade te digo que hoje, nesta noite, antes que o galo cante duas vezes, três vezes me negarás”. Pedro falou-lhe então com veemência: “Ainda que me seja necessário morrer contigo, de modo nenhum te negarei”. E da mesma maneira diziam todos.
(Marcos, 14:26 a 14:31.)

38. Acusado de blasfêmia, Jesus é considerado réu de morte – Apontado por Judas e preso, Jesus foi levado ao sumo sacerdote, sendo seguido de longe por Pedro, que chegou a entrar no pátio da casa e assentar-se com os servidores do chefe do templo, aquecendo-se ao lume. Logo que Jesus confirmou ser o Cristo, Filho do Deus Bendito, o sumo sacerdote, rasgando os seus vestidos, dispensou outras testemunhas e acusou-o. “Vós ouvistes a blasfêmia – falou a autoridade máxima do Sinédrio –; que vos parece?” E todos o consideraram culpado de morte, começando alguns a cuspir nele, a cobrir-lhe o rosto e a dar-lhe punhadas e bofetadas. Nisso, uma das criadas do sumo sacerdote viu Pedro e lhe disse:

“Tu também estavas com Jesus Nazareno”, mas ele negou-o, saindo do alpendre; nesse momento, o galo cantou pela primeira vez naquela noite. A criada voltou logo depois e apontou-o de novo como seguidor do Messias, mas Pedro negou-o outra vez, enquanto outros, em seguida, lhe disseram: “Verdadeiramente tu és um deles, porque és também galileu e tua fala é conforme”. Pedro, irritado, começou a imprecavar e a jurar, dizendo: “Não conheço esse homem de quem falais”, e o galo cantou segunda vez. Pedro lembrou-se imediatamente do que Jesus havia predito e, retirando-se dali, chorou.

(Marcos, 14:53 e 14:54, 14:63 a 14:72.)

Questões propostas

1. Em que momento Jesus apontou aquele que o haveria de trair?

O fato se deu quando Jesus e os doze apóstolos estavam assentados para comer a páscoa. Em dado instante, disse-lhes Jesus: Em verdade vos digo que um de vós, que comigo come, há de trair-me. Eles começaram a entristecer-se e a dizer-lhe um após outro: Sou eu? E outro disse: Sou eu? Mas ele, respondendo, informou: É um dos doze, que põe comigo a mão no prato.

(Marcos, 14:12 a 14:20.)

2. Jesus também cantava?

Sim, quando reunido com seus apóstolos. (Marcos, 14:22 a 14:26.)

3. Quando Jesus orava no lugar chamado Getsêmani, Pedro e os demais dormiram. Que palavras o Senhor dirigiu então a Pedro?

Quando os viu dormindo, Jesus disse a Pedro: Simão, dormes? Não podes vigiar uma hora? Vigiai e orai, para que não entreis em tentação; o espírito, na verdade, está pronto, mas a carne é fraca. Dito isto, ele saiu outra vez e orou. Voltando, achou-os novamente dormindo, porque os seus olhos estavam pesados e não sabiam o que responder-lhe. Mais tarde, voltando pela terceira vez, o Mestre lhes disse: Dormi agora, e descansai. Basta; é chegada a hora. Eis que o Filho do homem vai ser entregue nas mãos dos pecadores.

(Marcos, 14:32 a 14:41.)

4. Um fato curioso ocorreu por ocasião da prisão de Jesus. Que fato foi esse?

Ao ser preso, Jesus disse aos que o prenderam: Saístes com espadas e varapaus a prender-me, como a um salteador? Todos os dias estava convosco ensinando no templo, e não me prendestes; mas isto é para que as Escrituras se cumpram. Então, deixando-o, todos fugiram. Um certo jovem o seguia, envolto em um lençol sobre o corpo nu. E lançaram-lhe a mão, mas ele, largando o lençol, fugiu nu.

(Marcos, 14:43 a 14:52.)

5. No Sinédrio, quando o sumo sacerdote perguntou-lhe se era o Cristo, Filho de Deus, qual foi a resposta de Jesus?

Disse-lhe Jesus: Eu o sou, e vereis o Filho do homem assentado à direita do poder de Deus, e vindo sobre as nuvens do céu.

(Marcos, 14:55 a 14:62.)

(1) A Páscoa (em hebraico: Pesah = passagem) recordava a libertação do povo hebreu no Egito.

65. **Surgirão falsos cristos e falsos profetas** – Jesus, reportando-se a esses dias de grandes tribulações, adverte que surgirão falsos cristos e falsos profetas, que farão grandes sinais e prodígios que enganariam, se fosse possível, até os escolhidos. “Então, se alguém vos disser: Eis que o Cristo está aqui, ou ali, não lhe deis crédito”, recomenda ele, acrescentando: “Porque, assim como o relâmpago sai do oriente e se mostra até ao ocidente, assim será também a vinda do Filho do homem. Pois onde estiver o cadáver, aí se ajuntarão as águias. E, logo depois da aflição daqueles dias, o sol escurecerá, e a lua não dará a sua luz, e as estrelas cairão do céu, e as potências dos céus serão abaladas. Então aparecerá no céu o sinal do Filho do homem; e todas as tribos da terra se lamentarão, e verão o Filho do homem, vindo sobre as nuvens do céu, com poder e grande glória. E ele enviará os seus anjos com rijo clamor de trombeta, os quais ajuntarão os seus escolhidos desde os quatro ventos, de uma à outra extremidade dos céus”.
(Mateus, 24:22 a 24:31.)

66. **Somente o Pai sabe quando virá esse dia, afirma Jesus** – Concluindo sua descrição do final dos tempos, Jesus foi enfático: “O céu e a terra passarão, mas as minhas palavras não hão de passar. Mas daquele dia e hora ninguém sabe, nem os anjos do céu, mas unicamente meu Pai. E, como foi nos dias de Noé, assim será também a vinda do Filho do homem. Porquanto, assim como, nos dias anteriores ao dilúvio, comiam, bebiam, casavam e davam-se em casamento, até ao dia em que Noé entrou na arca, e não o perceberam, até que veio o dilúvio, e os levou a todos, assim será também a vinda do Filho do homem”.
(Mateus, 24:35 a 24:39.)

67. **A parábola do administrador infiel** – Jesus recomenda que todos devemos estar vigilantes, e explicou: “Então, estando dois no campo, será levado um, e deixado o outro; estando duas moendo no moinho, será levada uma, e deixada outra. Vigiai, pois, porque não sabeis a que hora há de vir o vosso Senhor. Mas considerai isto: se o pai de família soubesse a que vigília da noite havia de vir o ladrão, vigiaria e não deixaria minar a sua casa. Por isso, estai vós apercebidos também; porque o Filho do homem há de vir à hora em que não penseis. Quem é, pois, o servo fiel e prudente, que o Senhor constituiu sobre a sua casa, para dar o sustento a seu tempo? Bem-aventurado aquele servo que o Senhor, quando vier, achar servindo assim. Em verdade vos digo que o porá sobre todos os seus bens. Mas se aquele mau servo disser consigo: O meu Senhor tarde virá; e começar a espancar os seus companheiros, e a comer e a beber com os bêbados, virá o Senhor daquele servo num dia em que o não espera, e à hora em que ele não sabe, e separa-lo-á, e destinará a sua parte com os hipócritas; ali haverá pranto e ranger de dentes”.
(Mateus, 24:40 a 24:51.)

68. **A caridade é a condição única da salvação** – O capítulo 25 do Evangelho segundo Mateus apresenta-nos três parábolas notáveis: a **parábola das dez virgens**, a **parábola dos talentos** e a **parábola dos bodes e das ovelhas**. A primeira, de acordo com Cairbar Schutel, ensina aos que aspiram ao Reino dos Céus a necessidade da instrução, do cultivo do espírito, do exercício da inteligência e da razão, para a obtenção do conhecimento supremo. As virgens prudentes simbolizam os que leem, estudam, experimentam, investigam, raciocinam e, procurando compreender a vida, trabalham pelo seu próprio aperfeiçoamento. A **parábola dos talentos**, segundo Schutel, mostra-nos que não há privilégios nem exclusões na obra do Senhor, que não existe um único indivíduo no mundo que não seja depositário de um ou mais talentos, e que todos seremos cobrados pela aplicação que dermos aos talentos recebidos. Na terceira parábola, provavelmente a mais importante de todas as contidas no Evangelho, o Senhor não considera a

caridade como uma das condições para a salvação, mas como **a condição única**, como Kardec assinala no cap. XV, item 3, De O Evangelho segundo o Espiritismo.
(Mateus, 25:1 a 25:46.)

69. Caifás e seus asseclas decidem prender e matar Jesus – Quando Jesus concluiu todos estes discursos, disse a seus discípulos: “Bem sabeis que daqui a dois dias é páscoa; e o Filho do homem será entregue para ser crucificado”. Dito e feito. Os príncipes dos sacerdotes, os escribas e os anciãos do povo reuniram-se na sala do sumo sacerdote Caifás, e consultaram-se mutuamente para prenderem Jesus com dolo e o matarem. Eles, porém, diziam: **Não durante a festa, para que não haja alvoroço entre o povo.**
(Mateus, 26:1 a 26:5.)

70. “Os pobres, sempre os tereis”, disse Jesus – O Senhor estava em Betânia, em casa de Simão, o leproso, quando uma mulher se aproximou dele com um vaso de alabastro, contendo um unguento de grande valor, que ela derramou sobre sua cabeça. Jesus, nesse momento, se encontrava assentado à mesa. Seus discípulos, vendo aquilo, se indignaram, dizendo: “Por que é este desperdício? Pois este unguento podia vender-se por grande preço, e dar-se o dinheiro aos pobres”. Jesus, porém, os censurou, dizendo: “Por que afligis esta mulher? pois praticou uma boa ação para comigo. Porquanto sempre tereis convosco os pobres, mas a mim não me haveis de ter sempre. Ora, derramando ela este unguento sobre o meu corpo, fê-lo preparando-me para o meu enterramento”. E concluiu: “Em verdade vos digo que, onde quer que este evangelho for pregado em todo o mundo, também será referido o que ela fez, para memória sua”. (N.R.: João narra o mesmo fato e diz que a mulher é Maria, irmã de Marta e Lázaro, e acrescenta que foi apenas Judas Iscariotes quem desaprovou o gesto generoso da mulher.)
(Mateus, 26:6 a 26:13.)

Elucidações de Emmanuel

Nº 227 – 18/09/2011

O Consolador – (Emmanuel)

IV. Não creias em todos os Espíritos

Mensagens de Paz

Na aplicação de qualquer receita destinada à composição da felicidade, não te esqueças do aviso de que a felicidade nasce de ti mesmo.

Não aguardes do mundo a segurança que tão somente poderá ser construída por ti mesmo, dentro de ti.

*

Nunca menosprezes o trabalho que a vida te confiou.

A tarefa que desempenhas hoje é a base de teu apoio futuro.

Aceita-te como és e com aquilo de que disponhas para realizar o melhor que possas.

*

Observa sempre que não existe criatura alguma destituída de valor e da qual não venhas a necessitar algum dia.

*

Quanto possível, conserva a luz da virtude que te norteia a elevação, mas não permitas que a tua virtude viva sem escadas para descer ao encontro daqueles que se debatem sob a ventania da adversidade, a te pedirem socorro e compreensão.

*

Sê fiel ao campo da verdade que abraças, sem desconsiderar a parte da verdade em que os outros se encontram.

*

Usa a paciência nas pequenas dificuldades para que te não falte serenidade nas grandes crises que todos somos levados a facear nas trilhas do tempo.

*

Não te apegues aos anseios da juventude, nem te acomodes com o cansaço de muitos que ainda não aprenderam a viver com a criatividade da madureza.

*

Recorda que até hoje ninguém descobriu o ponto de interação onde termina a fadiga e começa a ociosidade.

*

Em qualquer tempo, exercita a fortaleza espiritual para que as tuas energias não se dissolvam, de inesperado, quando as calamidades da experiência humana se façam inevitáveis.

*

Resigna-te a transitar no mundo entre os que se te revelem na condição de opositores naturais aos teus pontos de vista, mas não formes inimigos nem cultives ressentimentos.

*

Não abuses nem brinques com os sentimentos alheios.

*

Guarda a tua paz, ainda mesmo nas grandes lutas.

*

Não creias em pessimismo e derrota, solidão e abandono, porque se amas conforme determinam as Leis do Universo, descobrirás a beleza e a alegria em qualquer circunstância e em qualquer parte da Terra.

E jamais desesperes, porquanto sejas quem sejas e estejas onde estiveres, ninguém te pode furtar o privilégio da imortalidade nem te arredar do Esquema de Deus.

PIRES J. Herculano e Espíritos Diversos, Astronautas do Além, (psicografia Chico Xavier), (cap. 4.)

Crônicas e Artigos

Nº 250 – 04/03/2013

O Consolador – (Francisco Rebouças)

IV. Não creias em todos os Espíritos

A obsessão

Allan Kardec nos esclarece em O Livro dos Médiuns, capítulo XXIII, que a obsessão é um dos maiores escolhos da mediunidade, e também um dos mais frequentes. Por isso mesmo, todos os esforços que empreguemos para combatê-la não serão absolutamente suficientes, porquanto, além dos inconvenientes pessoais que acarreta, é um obstáculo absoluto à bondade e à veracidade das comunicações, e, por isso, requer que o médium esteja em constante estado de alerta, estudando sempre, vigiando e orando, para que não seja vítima da influência dos Espíritos ignorantes.

A obsessão, em qualquer grau, é sempre um efeito de constrangimento e não procede jamais de um Bom Espírito, por isso é que toda comunicação dada por um médium obsidiado é de origem suspeita e nenhuma confiança merece. Se nelas alguma coisa de bom se encontrar, os Espíritos superiores aconselham-nos a guardar a parte boa e rejeitar tudo o que venha a nos causar dúvida.

O Codificador da Doutrina Espírita, instruído pelos imortais do mundo maior, nos esclarece acerca do benefício incalculável de trabalhar nas atividades mediúnicas, pois nos afirmam ser a mediunidade uma bênção para nós médiuns e uma ferramenta valiosa no processo de transformação moral, para o necessário e inadiável burilamento do nosso Espírito em busca da tão sonhada felicidade, representada pela perfeição a que estamos todos destinados.

O Espiritismo, veio por seu turno, trazer a todos nós o resultado dos estudos e pesquisas, levados a efeito pelo seu insigne codificador, com o objetivo de nos fornecer o necessário conhecimento que precisamos ter para que melhor possamos observar os diversos sintomas que caracterizam a obsessão, e evitá-los, com o devido cuidado que deveremos ter de respeitar as Leis Divinas das quais a mediunidade é parte integrante, e que abaixo estão relacionados:

1ª Persistência de um Espírito em se comunicar, bom ou mau grado, pela escrita, pela audição, pela tiptologia etc., opondo-se a que outros Espíritos o façam;

2ª Ilusão que, não obstante a inteligência do médium, o impede de reconhecer a falsidade e o ridículo das comunicações que recebe;

3ª Crença na infalibilidade e na identidade absoluta dos Espíritos que se comunicam e que, sob nomes respeitáveis e venerados, dizem coisas falsas ou absurdas;

4ª Confiança do médium nos elogios que lhe dispensam os Espíritos que por ele se comunicam;

5ª Disposição para se afastar das pessoas que podem emitir opiniões aproveitáveis;

6ª Tomar a mal a crítica das comunicações que recebe;

7ª Necessidade incessante e inoportuna de escrever;

8ª Constrangimento físico qualquer, dominando-lhe a vontade e forçando-o a agir ou falar a seu mau grado;

9ª Rumores e desordens persistentes ao redor do médium, sendo ele de tudo a causa, ou o objeto.

Algumas pessoas, não tão bem esclarecidas pelos conhecimentos que só a Doutrina Espírita nos pode proporcionar sobre esse tipo de assunto, chegam até mesmo a admitir que diante do risco que representa a obsessão é perigoso ser médium; afirmam até que é a faculdade mediúnica que a provoca, e que por isso mesmo as comunicações espíritas são inconvenientes e trazem transtornos sérios aos médiuns, em vista disso, não gostariam em absoluto de exercer as atividades próprias da mediunidade.

Simple e fácil é a resposta para esse indivíduo que assim pensa a respeito do assunto, e, ao nos propormos a responder, pedimos apenas para que meditem cuidadosamente nos ensinamentos que os Espíritos Superiores nos deram a respeito deste tema na Codificação do Espiritismo, mais precisamente em O Livro dos Médiuns, e que passamos a descrever.

Chamam-nos à atenção, para o fato de que:

“Não foram os médiuns, nem os espíritas que criaram os Espíritos; ao contrário, **foram os Espíritos que fizeram com que houvesse espíritas e médiuns.**

Não sendo os Espíritos mais do que as almas dos homens, é claro que há Espíritos desde quando há homens; por conseguinte, desde todos os tempos eles exerceram influência salutar ou perniciosa sobre a Humanidade.

A faculdade mediúnica não lhes é mais que um meio de se manifestarem. Em falta dessa faculdade, fazem-no por mil outras maneiras, mais ou menos ocultas. Seria, pois, erro crer-se que só por meio das comunicações escritas ou verbais exercem os Espíritos sua influência.

Esta influência é de todos os instantes e mesmo os que não se ocupam com os Espíritos, ou até não creem neles, estão expostos a sofrê-la, como os outros e mesmo mais do que os outros, porque não têm com que a contrabalançam.

A mediunidade é, para o Espírito, um meio de se fazer conhecido.

Se ele é mau, sempre se trai, por mais hipócrita que seja.

Pode, pois, dizer-se que a mediunidade permite se veja o inimigo face a face, se assim nos podemos exprimir, e combatê-lo com suas próprias armas.

Sem essa faculdade, ele age na sombra e, tendo a seu favor a invisibilidade, pode fazer e faz realmente muito mal.

A quantos atos não é o homem impelido, para desgraça sua, e que teria evitado se dispusesse de um meio de esclarecer-se! Os incrédulos não imaginam enunciar uma verdade, quando dizem de um homem que se transvia obstinadamente: É o seu mau gênio que o impele à própria perda”.

Assim, o conhecimento do Espiritismo, longe de facilitar o predomínio dos maus Espíritos, há de ter como resultado, em tempo mais ou menos próximo, e quando se achar propagado, destruir esse predomínio, dando a cada um os meios de se pôr em guarda contra as sugestões deles.

Aquele então que sucumbir só de si terá que se queixar”.

Regra, geral: quem quer que receba más comunicações espíritas, escritas ou verbais, está sob má influência; essa influência se exerce sobre ele, quer escreva, quer não, isto é, seja ou não seja médium, creia ou não creia. A escrita faculta um meio de ser apreciada a natureza dos Espíritos que sobre ele atuam e de serem combatidos, se forem maus, o que se consegue com mais êxito quando se chega a conhecer os motivos da ação que desenvolvem.

Se bastante cego é ele para o não compreender, podem outros abrir-lhe os olhos.

Em resumo: **o perigo não está no Espiritismo, em si mesmo, pois que este pode, ao contrário, servir-nos de governo e preservar-nos do risco que corremos incessantemente, à revelia nossa.**

O perigo está na orgulhosa propensão de certos médiuns para, muito levianamente, se julgarem instrumentos exclusivos de Espíritos superiores e nessa espécie de fascinação que lhes não

CAPÍTULO XXI – HAVERÁ FALSOS CRISTOS E FALSOS PROFETAS

permite compreender as tolices de que são intérpretes. Mesmo os que não são médiuns podem deixar-se apanhar.

Façamos uma comparação. Um homem tem um inimigo secreto, a quem não conhece e que contra ele espalha sub-repticiamente a calúnia e tudo o que a mais negra maldade possa inventar. O infeliz vê a sua fortuna perder-se, afastarem-se seus amigos, perturbada a sua ventura íntima. Não podendo descobrir a mão que o fere, impossibilitado se acha de defender-se e sucumbe. Mas, um belo dia, esse inimigo oculto lhe escreve e se trai, não obstante todos os ardis de que se vale.

Eis descoberto o perseguidor do pobre homem, que desde então pode confundi-lo e se reabilitar. Tal o papel dos maus Espíritos, que o Espiritismo nos proporciona a possibilidade de conhecer e desmascarar.

O verdadeiro espírita vê na mediunidade, uma oportunidade inigualável de exercer a prática da verdadeira caridade para com seu semelhante, pois entende que a comunicabilidade dos Espíritos que ora se encontram no plano espiritual, conosco, é absolutamente normal, e só não aceita quem não teve a sublime oportunidade de conhecer pela infinita bondade do Pai criador, essa bendita, esclarecedora e consoladora Doutrina Espírita.

Kardec Allan, O Livro dos Médiuns, (cap. XXIII.)

Crônicas e Artigos

Nº 214 – 19/06/2011

O Consolador – (Artur Felipe de Azevedo Ferreira)

V. Instruções dos Espíritos

I. Os falsos profetas

Erasto, os falsos profetas e o critério Espírita

"Os falsos profetas não existem apenas entre os encarnados, mas também, e muito mais numerosos, entre os Espíritos orgulhosos que, fingindo amor e caridade, semeiam a desunião e retardam o trabalho de emancipação da Humanidade, impingindo-lhe os seus sistemas absurdos, através dos médiuns que os servem.

Esses falsos profetas, para melhor fascinar os que desejam enganar, e para dar maior importância às suas teorias, disfarçam-se inescrupulosamente com nomes que os homens só pronunciam com respeito. São eles que semeiam os germes das discórdias entre os grupos, que os levam a isolar-se uns dos outros e a se olharem com prevenções. Bastaria isso para os desmascarar. Porque, assim agindo, eles mesmos oferecem o mais completo desmentido ao que dizem ser.

Cegos, portanto, são os homens que se deixam enganar de maneira tão grosseira. Mas há ainda muitos outros meios de os reconhecer. Os Espíritos da ordem a que eles dizem pertencer devem ser não somente muito bons, mas também eminentemente racionais. Pois bem: passai os seus sistemas pelo crivo da razão e do bom-senso, e vereis o que restará. Então concordareis comigo em que, sempre que um Espírito indicar, como remédio para os males da Humanidade, ou como meios de realizar a sua transformação, medidas utópicas e impraticáveis, pueris e ridículas, ou quando formula um sistema contraditado pelas mais corriqueiras noções científicas, só pode ser um Espírito ignorante e mentiroso.

Lembra-vos, ainda, de que, quando uma verdade deve ser revelada à Humanidade, ela é comunicada, por assim dizer, instantaneamente, a todos os grupos sérios que possuem médiuns sérios, e não a este ou aquele, com exclusão dos outros. Ninguém é médium perfeito, se estiver obsidiado, e há obsessão evidente quando um médium só recebe comunicações de um determinado Espírito, por mais elevado que este pretenda ser. Em consequência, todo médium e todo grupo que se julguem privilegiados, em virtude de comunicações que só eles podem receber, e que, além disso, se sujeitam a práticas supersticiosas, encontram-se indubitavelmente sob uma obsessão bem caracterizada. Sobretudo quando o Espírito dominante se vangloria de um nome que todos, Espíritos e encarnados, devemos honrar e respeitar, não deixando que seja comprometido a todo instante.

É incontestável que, submetendo-se ao cadinho da razão e da lógica toda a observação sobre os Espíritos e todas as suas comunicações, será fácil rejeitar o absurdo e o erro. Um médium pode ser fascinado e um grupo enganado; mas, o controle severo dos outros grupos, com o auxílio do conhecimento adquirido, e a elevada autoridade moral dos dirigentes de grupos, as comunicações dos principais médiuns, marcadas pelo cunho da lógica e da autenticidade dos Espíritos mais sérios, rapidamente farão desmascarar esses ditados mentirosos e astuciosos, procedentes de uma turba de Espíritos mistificadores ou malfazejos."

(Erasto, discípulo de São Paulo, Paris, 1862.)

O critério da concordância universal

"A melhor garantia de que um princípio é o expressar da verdade se encontra em ser ensinado e revelado por diferentes Espíritos, com o concurso de médiuns diversos, desconhecidos uns dos outros e em lugares vários, e em ser, ao demais, confirmado pela razão e sancionado pela adesão do maior número.

CAPÍTULO XXI – HAVERÁ FALSOS CRISTOS E FALSOS PROFETAS

Só a verdade pode fornecer raízes a uma doutrina. Um sistema errôneo pode, sem dúvida, reunir alguns aderentes; mas, como lhe falta a primeira condição de vitalidade, efêmera será a sua existência.”

(Capítulo XXXI, pag. 474, Livro dos Médiuns.)

O Codificador do Espiritismo, também em “O Livro dos Médiuns”, já elucidava quanto às intenções dos Espíritos quando estes se prontificam a realizar previsões e revelações retumbantes:

“De que serve o ensino dos Espíritos, dirão alguns, se não nos oferece mais certeza que o ensino humano? Fácil é a resposta. Não aceitamos com igual confiança o ensino de todos os homens e, entre duas doutrinas, preferimos aquela cujo autor nos parece mais esclarecido, mais capaz, mais judicioso, menos acessíveis às paixões. Do mesmo modo se deve proceder com os Espíritos.

Se entre eles há os que não estão acima da Humanidade, muitos há que a ultrapassaram; estes nos podem dar ensinamentos que em vão buscaríamos com os homens mais instruídos.

É a distingui-los da turba dos Espíritos inferiores que devemos nos aplicar, se quisermos nos esclarecer, e é a essa distinção que conduz o conhecimento aprofundado do Espiritismo.

Porém, mesmo esses ensinamentos têm um limite e, se aos Espíritos não é dado saber tudo, com mais forte razão isso se verifica relativamente aos homens.

Há coisas, portanto, sobre as quais será inútil interrogar os Espíritos, ou porque lhes seja defeso revelá-las, ou porque eles próprios ignoram e a cujo respeito apenas podem expender suas opiniões pessoais.

Ora, são essas opiniões pessoais que os Espíritos orgulhosos apresentam como verdades absolutas.

Sobretudo, acerca do que deva permanecer oculto, como o futuro e o princípio das coisas, é que eles mais insistem, a fim de insinuarem que se acham da posse dos segredos de Deus.

Por isso, nesses pontos é que mais contradições se observam.”

(Capítulo XXVII, item 300.)

Sigamos, pois, o conselho de Erasto em “O Livros dos Médiuns” (Cap. XX, item 230.):

“Desde que uma opinião nova se apresenta, por pouco que nos pareça duvidosa, passai-a pelo crivo da razão e da lógica; o que a razão e o bom senso reprovam, rejeitai ousadamente; vale mais repelir dez verdades do que admitir uma só mentira.”

Em relação à postura de alguns com relação aos ditados dos Espíritos, Kardec comenta:

“Os crentes apresentam três nuances bem caracterizadas: os que não veem nessas experiências senão uma diversão, um passatempo – mas que não vão além.

Há, em seguida, as pessoas sérias, instruídas, observadoras, às quais não escapa nenhum detalhe, e para as quais as menores coisas são objeto de estudo.

Vêm, em seguida, os ultracrentes, os crentes cegos, aos quais se pode censurar um excesso de credulidade; aos quais a fé, insuficientemente esclarecida, lhes dá uma total confiança nos Espíritos, que lhes emprestam todos os conhecimentos e, sobretudo, a presciência”

(Revista Espírita de fevereiro de 1858 – Allan Kardec, IDE, 1ª edição – pág. 53.)

Crônicas e Artigos

Nº 171 – 15/08/2011

O Consolador – (Angélica Reis)

V. Instruções dos Espíritos

I. Os falsos profetas

O tesouro dos Espíritos

A. Qual a principal obrigação do espírita?

R. A obrigação principal do espírita, diz Irmão Saulo(1), é zelar pelo seu tesouro: a Doutrina Espírita. Para isso, temos de estudá-la e conhecê-la bem, pois, do contrário, como poderemos zelar por ela? “O Espiritismo – lembra ele – não é apenas uma eclosão mediúnica, não é somente manifestações de espíritos. É a Doutrina do Consolador, do Espírito da Verdade, do Paráclito, prometida e enviada pelo Cristo para nos orientar.”

(O Tesouro dos Espíritos, 2ª Parte, Marcha para o Futuro, pp. 165 e 166.)

B. Que pensar dos que dizem que as obras de Kardec não trazem novidades e que há obras mais interessantes?

R. A respeito deles, diz Irmão Saulo: “Ah, pobres irmãos que não fazem conta da promessa do Senhor, que menosprezam a sua dádiva! Então o Senhor e Mestre nos promete o Consolador e no-lo envia, para agora o deixarmos de lado e correremos como loucos atrás dos falsos profetas, dos falsos Cristos, dos falsos Kardecs, que enxameiam na vaidade humana?” Não temos o direito de pensar assim. O Espiritismo é a Verdade Maior que podemos conhecer, nesta fase evolutiva da Terra. O seu aparecimento foi preparado pelo Alto. Antes de Kardec encarnar-se, para cumprir a sua missão, já numerosos fatos espíritas ocorreram no mundo, predispondo-nos à compreensão do trabalho do Codificador.

(Obra citada, pp. 168 e 169.)

C. É o Espiritismo religião?

R. Sim. O Espiritismo é a Religião em espírito e verdade, de que Jesus falou à mulher samaritana. Mas há espíritas que não compreendem isso e negam a religião espírita. “É possível tirarmos do Espiritismo a fé em Deus e a lei da caridade?” Todo o problema, que tanta celeuma tem levantado entre alguns irmãos intelectuais, se resume na falta de compreensão do que seja religião. Os confrades antirreligiosos gastam tinta e papel por quererem provar um absurdo. “Alegam que Kardec se recusou a chamar o Espiritismo de religião. Mas o próprio Kardec explicou por que o evitou – não se recusou, mas apenas evitou – chamar o Espiritismo de religião: não queria confundir uma doutrina de luz e liberdade com as organizações dogmáticas e fanáticas do mundo religioso.”

(Obra citada, pp. 174 a 176.)

Texto para leitura

150. A obrigação principal do espírita, diz Irmão Saulo(1), é zelar pelo seu tesouro: a Doutrina Espírita. Para isso, temos de estudá-la e conhecê-la bem, pois, do contrário, como poderemos zelar por ela? “O Espiritismo – lembra ele – não é apenas uma eclosão mediúnica, não é somente manifestações de espíritos. É a Doutrina do Consolador, do Espírito da Verdade, do Paráclito, prometida e enviada pelo Cristo para nos orientar.”

(P. 165)

151. Se Jesus nos trouxe a mensagem redentora do Evangelho e prometeu que nos enviaria o Consolador é que temos de conhecer o Evangelho e conhecer o Espiritismo. “Os cristãos estudam a Lei Nova, que está no Novo Testamento. Os espíritas, que são os cristãos renascidos da água e do espírito, devem estudar as obras de Kardec, que são a Codificação do Espiritismo, a Nova Revelação.”

(P. 166)

CAPÍTULO XXI – HAVERÁ FALSOS CRISTOS E FALSOS PROFETAS

152. Há espíritas que se deixam levar pelos falsos profetas, encarnados e desencarnados, que encham o nosso mundo de novidades absurdas e perturbam o movimento doutrinário, impedindo a boa divulgação da luz. Acreditam eles que Kardec está superado e que portanto a obra de Kardec não tem mais nada a nos ensinar. “Ah, como se enganam esses pobres irmãos, levados por ilusões momentâneas!”

(P. 167)

153. Alguns confrades dizem: as obras de Kardec não trazem novidades; há outros livros que nos falam de coisas mais interessantes, contando-nos fatos desconhecidos, dando-nos ensinamentos novos. “Ah, pobres irmãos que não fazem conta da promessa do Senhor, que menosprezam a sua dádiva! Então o Senhor e Mestre nos promete o Consolador e no-lo envia, para agora o deixarmos de lado e correremos como loucos atrás dos falsos profetas, dos falsos Cristos, dos falsos Kardecs, que enxameiam na vaidade humana?”

(PP. 168 e 169)

154. Não temos o direito de pensar assim. O Espiritismo é a Verdade Maior que podemos conhecer, nesta fase evolutiva da Terra. O seu aparecimento foi preparado pelo Alto. Antes de Kardec encarnar-se, para cumprir a sua missão, já numerosos fatos espíritas ocorreram no mundo, predispondo-nos à compreensão do trabalho do Codificador.

(P. 169)

155. O próprio Codificador viveu cinquenta anos preparando-se, adquirindo cultura e experiência, conquistando toda a ciência do seu tempo, antes de receber do Alto a incumbência de investigar os fenômenos e organizar a Doutrina, embora fosse um dos mais lúcidos discípulos de Jesus, que este enviou à Terra para cumprir a promessa do Consolador. E queremos, por acaso, ser mais do que ele e do que o Espírito da Verdade, que o assistia e guiava?

(P. 169)

156. Outros irmãos alegam: o Espiritismo é muito simples, é o ABC da Espiritualidade; temos maiores instruções na Teosofia ou com os, Rosa Cruzes. “Deviam antes pensar, diz Irmão Saulo, que necessitamos justamente do ABC, pois somos ainda analfabetos espirituais. O Espiritismo não tem a pretensão de tudo saber e tudo ensinar. Porque as doutrinas que tudo ensinam, na verdade nada sabem.”

(P. 170)

157. Não pensemos, porém, que o Espiritismo é doutrina estática, que não quer ir além. Pelo contrário, ele é doutrina dinâmica e avança sempre. Mas avança na medida do possível e do conveniente, com os pés na terra, para evitar a vertigem das alturas. “Na proporção em que crescermos moralmente – prestemos bem atenção a esta palavra: moralmente – o próprio Espiritismo, dentro das próprias obras de Kardec, desvelará novos mundos e novos ensinamentos aos nossos olhos. Mas, então, estaremos em condições de compreendê-los.”

(P. 172)

158. Em conclusão: O espírita deve estudar constantemente as obras de Kardec, que são o fundamento do Espiritismo, e não deixar-se levar por fascinações da vaidade ou da ambição de saber o que não pode.

(PP. 172 e 173)

159. O Espiritismo é a Religião em espírito e verdade, de que Jesus falou à mulher samaritana. Mas há espíritas que não compreendem isso e negam a religião espírita. “É possível tirarmos do Espiritismo a fé em Deus e a lei da caridade?”

(P. 174)

CAPÍTULO XXI – HAVERÁ FALSOS CRISTOS E FALSOS PROFETAS

160. Todo o problema, que tanta celeuma tem levantado entre alguns irmãos intelectuais, se resume na falta de compreensão do que seja religião. Os confrades antirreligiosos gastam tinta e papel em quantidade por quererem provar um absurdo. “Alegam que Kardec se recusou a chamar o Espiritismo de religião. Mas o próprio Kardec explicou por que o evitou – não se recusou, mas apenas evitou – chamar o Espiritismo de religião: não queria confundir uma doutrina de luz e liberdade com as organizações dogmáticas e fanáticas do mundo religioso.”
(PP. 174 e 175)

161. Todo homem de cultura hoje compreende que religião não é igreja, mas sentimento. Henri Bergson ensinou que há dois tipos de religião: a social, que é dogmática e estática, e a individual, que é livre e dinâmica. Assim pensava também Henrique Pestalozzi, para quem a religião verdadeira é a Moralidade. Vemos aí um dos motivos por que Kardec dizia que o Espiritismo tem consequências morais, em vez de referir-se a consequências religiosas. “Hoje em dia, o Codificador não teria dúvida em falar de religião, porque o conceito atual de religião é muito mais amplo.”
(PP. 175 e 176)

162. O Espiritismo tem três aspectos, como sabemos:

O científico, no qual ele se apresenta como ciência de observação e investigação, tratando dos fenômenos espíritos;

O filosófico, no qual procura interpretar os resultados da investigação científica e dar-nos uma visão nova do mundo;

E **o religioso**, no qual nos ensina como aplicar, na vida prática, os princípios da filosofia espírita.

“Queremos, acaso, ficar apenas nos princípios, sem aplicá-los?”

(P. 176)

(1) **Irmão Saulo** é o pseudônimo usado nesta obra pelo conhecido escritor **José Herculano Pires**, tradutor do texto de Miguel Vives y Vives

Crônicas e Artigos

Nº 476 – 31/07/2016

O Consolador – (Rogério Coelho)

V. Instruções dos Espíritos

II. Caracteres do verdadeiro profeta

Conquistas do amor

Os verdadeiros missionários de Deus ignoram-se a si mesmos.

“Eis que o semeador saiu para semear.”

(Jesus, Mateus, 13:3.)

Segundo esclarecimento do Espírito de Verdade (1):

“Aproxima-se o tempo em que se cumprirão as coisas anunciadas para a transformação da humanidade, e ditosos serão os que houverem trabalhado no campo do Senhor, com desinteresse e sem outro móvel, senão a caridade! Ditosos os que hajam dito a seus irmãos:”

Trabalhemos juntos e unamos os nossos esforços, a fim de que o Senhor, ao chegar, encontre acabada a obra”, porquanto o Senhor lhes dirá: “vinde a mim, vós que sois bons servidores, vós que soubestes impor silêncio aos vossos ciúmes e às vossas discórdias, a fim de que daí não viesse dano para a obra!

Deus procede, neste momento, ao censo dos Seus servidores fiéis e já marcou aqueles cujo devotamento é apenas aparente, a fim de que não usurpem o salário dos servidores animosos, pois aos que não recuarem diante de suas tarefas é que Ele vai confiar os postos mais difíceis na grande obra da regeneração pelo Espiritismo”.

Estudando os caracteres do verdadeiro missionário de Deus, Erasto afirma:

“Ficai certos de que Deus só confia missões importantes aos que Ele sabe capazes de cumpri-las, porquanto as grandes missões são fardos pesados que esmagariam o homem carente de forças para carregá-los. Por isso, para essas missões são sempre escolhidos Espíritos já adiantados, que fizeram suas provas noutras existências, visto que, se não fossem superiores ao meio em que têm de atuar, nula lhes resultaria a ação. Isso posto, haveis de concluir que o verdadeiro missionário de Deus tem de justificar, pela sua superioridade, pelas suas virtudes, pela grandeza, pelo resultado e pela influência moralizadora de suas obras, a missão de que está investido.

Outra consideração: os verdadeiros missionários de Deus ignoram-se a si mesmos, são humildes e modestos; desempenham a missão a que foram chamados pela força do gênio que possuem, secundado pelo poder oculto que os inspira e dirige a seu mau grado, mas sem desígnio premeditado. Numa palavra: os verdadeiros profetas se revelam por seus atos, são adivinhados.”.

Naturalmente, embora ofereçam essas criaturas um grande contributo para o progresso da humanidade, vivem como o comum dos mortais, sujeitas a todas as vicissitudes da vida e condenadas a uma grande solidão, visto que não vivem para si próprias, mas para os semelhantes. E para que consigam chegar ao termo de suas missões, o Mais Alto sempre disponibiliza os recursos de que necessitam, inclusive boas companhias espirituais, Mentores Amigos que lhes estão sempre a insuflar bom ânimo e dispensando-lhes proteção.

Tal é o caso de Divaldo Franco com a onipresente Joanna de Ângelis e tal foi o caso de Chico Xavier com seu fiel guardião: o nobre Emmanuel, assim como Raul Teixeira com seu guia Camilo.

Não dá para imaginar as vezes sem conto em que o pranto dorido aljofrou os olhos desses Peregrinos do Senhor; os momentos dolorosos dos testemunhos superlativos, quando o azorrague da inveja e da calúnia semeavam suas nuvens pestilenciais; os momentos graves em que, embora enovelados pela multidão, ergastulavam-se nas malhas da solidão.

CAPÍTULO XXI – HAVERÁ FALSOS CRISTOS E FALSOS PROFETAS

Para que as ondas das procelas da vida não emborcassem o barco de suas luminíferas missões, interferia a doce Joanna, o atencioso Emmanuel e o solícito Camilo, devolvendo-lhes a esperança e recobrando-lhes o ânimo alquebrado pelas vicissitudes.

Assim é que, ao lermos o conteúdo da segunda parte do capítulo vinte e seis do livro “Sendas Luminosas”, observamos uma dessas intervenções da Mentora Amiga, que podemos aproveitar para todos nós que em missões menores e anônimas também podemos às vezes sentir a constringência da solidão e o ressaibo amargo do descoroçoamento.

A Amiga Espiritual deu-lhe o título que apomos também a este artigo, mas bem poderia intitular-se:

Carta aberta de JOANNA DE ÂNGELIS para DIVALDO FRANCO, CHICO XAVIER E RAUL TEIXEIRA.

“Afligias-te, porque não fruías as bênçãos do amor que te aquecesse o coração, embora o espalhasses por onde seguias. Acreditavas que nunca terias a ventura de sentir-lhe o calor, nem lhe experimentar a resposta aos teus apelos silenciosos, ricos de ternura e de carinho.

Seguias adiante, espalhando as estrelas do amor na Terra e contemplando o Céu, aguardando a tua migalha de luz.

Os anos seguiam-se solitários e doridos.

Não obstante estivesses com o coração embriagado de afeição, despejavas no vaso da fraternidade geral todas as gotas do carinho que gostarias de oferecer a alguém especial, que te fitasse com encantamento, que te falasse sem palavras, que te envolvesse em doce enlevo.

Já te sentias com os pés feridos pela urze do caminho áspero, porque o teu amor não chegava ao coração ansioso, para ajudar-te a balsamizar as feridas.

Seguias, entanto, cantando a magia do amor, as bênçãos de amar sem ser amado, levando a felicidade do aquecer das mãos e dos sentimentos enregelados daqueles que não mais acreditavam na vida. E conseguias fazer que, com o teu amor, o cardo desabrochasse flores e desatasse perfumes; a greta da rocha sorrisse, na primavera, em forma de folhas verdes delicadas e ricas de vida; os corações que pretendiam desistir da luta se entusiasmassem, invejando-te a riqueza dos sentimentos.

Ninguém sabia que amavas a todos, embora a sós, sem que ninguém te compartilhasse as emoções, e não compreendiam como conseguias seguir com tanto brilho e alegria, desde que, aparentemente, te faltava o licor forte do amor de alguém.

Fizeste bem em refugiar-te em Jesus, o doce Amor não amado, em cujo aconchego renovavas as forças, ampliavas a capacidade de doação e adquirias coragem para esperar. Ninguém a sós, porém, no mundo, que não se encontre vinculado ao amor poderoso de outra alma que lhe constitui apoio e luz, apesar de não a ter ao lado. Sabias dessa realidade, e continuavas entoando o teu hino, enquanto aguardavas.

Naquelas horas, quando as lágrimas dos sofrimentos perolavam os teus olhos, gostarias que alguém especial as recolhesse; quando a solidão se te fazia mais vigorosa, quase te aniquilando, sonhavas com alguém que se fizesse presente ao teu lado; quando o peso dos anos se avolumava, temias partir sem haver contemplado os olhos do amor, vivido sem viver.

Nunca desesperaste, porém, prosseguindo pelos caminhos do amor.

CAPÍTULO XXI – HAVERÁ FALSOS CRISTOS E FALSOS PROFETAS

O amor não falha! às vezes, tarda, para chegar sorrindo; demora-se distante, para não mais se afastar; mantém-se silencioso, para poder cantar sem cansaço a melodia da infinita ternura que possui.

Prossegue confiante. Não partirás da Terra sem receberes o teu ósculo de alento. E, se por acaso, o amor não te envolver nessa onda de ternura e de sustentação que ambicionas, recorda-te dos mártires da fé, dos campeões do progresso, dos heróis do bem em todos os tempos e lugares.

As conquistas do amor são infinitas e eternas, porque direcionadas por Deus. Doa-te, pois, ao amor, especialmente àqueles que o não conhecem, tornando a Terra menos árida de sentimentos, menos rude ao desenvolvimento da alegria, e sê tu quem poderá falar da felicidade de amar, mesmo que tenhas a taça do coração vazia de retribuição. O Senhor, a Quem amas, receber-te-á, afetuoso, convidando-te, após as vicissitudes e a longa marcha solitária, a que te embriagues de paz e de felicidade no Seu amor. Não desistas, portanto, jamais!"

Jornal Mundo Espírita

Outubro 2016

Momento Espírita (Albert Schweitzer)

V. Instruções dos Espíritos

II. Caracteres do verdadeiro profeta

Aprendendo com o profeta das selvas

Albert Schweitzer, que encantou o mundo com sua vida exemplar, demonstrou, dentre tantas coisas, que os ensinamentos superiores da vida podem e devem ser levados a todas as gentes, em todos os lugares e a qualquer tempo.

Para os nativos de: (Lambaréné, na África Equatorial francesa, país Gabon), pregava aos domingos.

Dizia ele: Os meus sermões têm de ser muito simples. Tenho de falar de maneira concreta para ser compreendido. Tenho de utilizar exemplos tirados da vida deles.

A respeito do perdão, falava assim: Uma pessoa insulta você. Mas Jesus diz que se deve perdoar, e você fica calado.

Mais tarde, a cabra do vizinho come as bananas do seu almoço. Em vez de puxar discussão, você diz apenas que a culpa é da cabra dele e que é justo que ele lhe dê outras bananas.

Se ele não concordar, você sai em silêncio, pensando que Deus faz as bananas crescerem com tal abundância no seu sítio, que você não tem necessidade de brigar por tão poucas.

Depois, um homem que levou as suas quatro cargas de bananas para vender, só lhe dá o dinheiro correspondente a três, dizendo que foi só isso o que você lhe entregou.

Você tem vontade de dizer que ele é um mentiroso. Mas pensa que há muitas mentiras de que só você sabe e que Deus tem de perdoar, e volta para a sua cabana sem nada dizer.

Quando vai acender o fogo, percebe que alguém levou parte da lenha que você foi buscar ontem no mato. Mais uma vez você força o coração a perdoar e deixa de procurar o ladrão para entregá-lo ao chefe.

À tarde, você vai sair para trabalhar na roça, quando descobre que alguém apanhou a sua boa faca de mato, deixando em lugar dela uma velha, cheia de dentes, que você reconhece.

Você pensa que já perdoou quatro vezes e pode perdoar a quinta. Embora seja um dia com muitas coisas desagradáveis, você se sente feliz.

Por quê? Porque o seu coração está alegre, tendo obedecido a vontade de Jesus.

À noite, você vai pescar. Não encontra o seu facho. Fica furioso e chega à conclusão de que perdoou demais. De novo Jesus, o Senhor, domina o seu coração. Você pede um facho emprestado e desce para o rio.

Chegando lá, não encontra a sua canoa. Alguém foi pescar com ela. Você se esconde, furioso, atrás de uma árvore, com a ideia de tomar todo o peixe do intruso quando ele voltar. E depois entregá-lo ao comandante do distrito.

Mas, enquanto espera, o seu coração repete muitas vezes o que Jesus disse.

Quando o homem volta, você lhe diz que Jesus força você a deixá-lo ir em paz. Não exige nem o peixe.

Acredito que ele o dê, espantado com o fato de você não querer brigar.

CAPÍTULO XXI – HAVERÁ FALSOS CRISTOS E FALSOS PROFETAS

Você vai para casa, feliz e orgulhoso de ter conseguido perdoar sete vezes. Mas, se nesse mesmo dia Jesus chegasse à sua aldeia e você pensasse que Ele iria elogiá-lo, Ele lhe diria que é preciso perdoar mais sete vezes e mais sete e muitas mais, até que Deus possa perdoar os seus muitos pecados.

Ao fim do sermão, faço-os juntarem as mãos e muito lentamente faço uma breve oração.

Quando me retiro, meu povo se levanta. Retira-se com a palavra de Deus viva.

Crônicas e Artigos

Nº 285 – 04/11/2012

O Consolador – (Cláudio Bueno da Silva)

V. Instruções dos Espíritos

III. Os falsos profetas da erraticidade

Novidadeiros

O professor Herculano Pires (1914-1979), consagrado filósofo e escritor espírita, usou a palavra “novidadeiros” para designar aqueles que aparecem com “novas” ideias ou teorias no meio espírita, atraindo simpatizantes, mas também desencadeando polêmicas e dissensões.

Alguns de seus livros, como “Na Hora do Testemunho”, “O Verbo e a Carne”, “A Pedra e o Joio”, foram escritos exatamente para corrigir o que ele entendia como equívocos doutrinários graves, trazidos ao meio espírita por pessoas e instituições que lançavam confusão entre os espíritas, na medida em que suscitavam discussões acaloradas, volta e meia, reacendidas. E o fazia com a autoridade de conhecedor da doutrina, conforme reconhecimento do Espírito Emmanuel, através da psicografia de Chico Xavier, quando se referiu ao escritor como o “metro que melhor mediu Kardec”.

As sempre imediatas intervenções do professor Herculano se constituíram num libelo contra as investidas das sombras que, envolvendo os espíritas invigilantes, os incitam a criar correntes de pensamento ou mesmo ditam-nas mediunicamente, na tentativa de associá-las ao corpo doutrinário do Espiritismo ou mesmo para simplesmente lançar a confusão.

Sempre houve quem sofresse a tentação de acrescentar novidades de cunho pessoal ou de grupos no procedimento espírita. E quem também acatasse sem exame, opiniões esdrúxulas só porque ditadas pelos Espíritos. No excelente texto “Os conflitos”, publicado na Revista Espírita de dezembro de 1863, o Espírito Erasto deixou um alerta sobre o problema quando disse: “E que querem certos Espíritos da erraticidade fomentando entre as mediocridades da encarnação essa exaltação do amor-próprio e do orgulho, senão entravar o progresso?” Outro magnífico texto de Erasto, que respalda o assunto que tratamos aqui, está no capítulo XXI, de “O Evangelho segundo o Espiritismo”: Os falsos profetas da erraticidade, de leitura necessária para todos os espíritas.

Alguns espíritas preferem deixar os caminhos da simplicidade para entrar nos atalhos da complicação. Foi assim que vimos, em vários períodos do nosso movimento, abusos na interpretação e aplicação da água fluidificada, que em muitos centros espíritas virou panaceia para todos os males; do passe magnético que, da simples imposição das mãos, passou a “requerer um catálogo” para sua aplicação, em vista de excessiva teorização, descaracterizando “toda a beleza espiritual do passe espírita”, conforme expressão de Herculano Pires; assim também com a introdução de certos métodos polêmicos para tornar a desobsessão mais eficiente; a moda do “Espiritismo sem Espíritos”, uma forma radical de priorizar a opinião dos encarnados em detrimento das práticas mediúnicas; a insistente vontade de alguns em retocar, reformar, atualizar os textos de Allan Kardec, e tantas outras “novidades”.

Quando se fala em mistificação, em desvios de rota do movimento espírita, impossível não citar os célebres e traumáticos “ismos”, que causaram tantas controvérsias: o Ubaldismo, de Pietro Ubaldi; o Ramatisismo, de Ramatis; o Roustanguismo, de J. B. Roustaing; o Armondismo, de Edgar Armond; o Divinismo, de Oswaldo Polidoro, e outros “ismos”. Todos eles com uma curiosa característica: em meio a verdades, muitos equívocos destoantes da Revelação Espírita, codificada por Allan Kardec. Embora algumas dessas proposições não tenham surgido propriamente dentro do movimento espírita, nele se infiltraram, deixando resquícios que perduram ainda em muitos centros e federações pelo país.

Mas as investidas das sombras não param. Há algum tempo, muitas casas espíritas foram “invadidas” pela teoria das crianças índigo, versão importada sobre a reencarnação de muitos

CAPÍTULO XXI – HAVERÁ FALSOS CRISTOS E FALSOS PROFETAS

“anjinhos” inteligentes, cheios de independência e malícia, mas cheios também de rebeldia e agressividade que, segundo a fantasia dos seus “criadores” norte-americanos, têm a missão de renovar (?) a Terra. Muitos espíritas ficaram encantados com a novidade e durante bom tempo não se falou de outra coisa dentro da casa espírita.

Outra mania que se espalha insensatamente na atualidade: a de colher, não se sabe de onde, a “genealogia reencarnatória” de personagens espíritas. Quanto a isso, além das informações aceitas consensualmente, como por exemplo, as que Emmanuel revelou nos seus romances, sobre suas vidas passadas, e algumas outras notícias que o movimento espírita entendeu como autênticas, nada justifica as especulações que circulam no movimento, principalmente porque baseadas em informações de difícil comprovação, e também porque vindas de origens nem sempre livres de suspeição.

Ou seja, as novidades, os modismos no meio espírita não cessam. Apesar do “orai e vigiai” evangélicos, e das orientações doutrinárias deixadas por Allan Kardec à disposição de todos, as pessoas se descuidam e, por isso mesmo, criam tolices ou repassam informações colhidas sem critérios de segurança. Herculano Pires tem total razão quando resume essa questão no livro “Mediunidade (Vida e Comunicação)”, avisando: “Os Espíritos mistificadores contam apenas com dois pontos de apoio para nos envolverem: a vaidade e a invigilância”.

Em verdade, perde-se muito tempo e energia com tudo isto, e o movimento espírita — agente que é do Espiritismo — se atrasa no cumprimento das verdadeiras funções que lhe compete realizar: espalhar, no meio social, o conhecimento espírita com seu conteúdo correto, fazendo diminuir a incredulidade, vencendo o materialismo, esclarecendo e consolando, ajudando a preparar o homem de bem para o futuro melhor.

“Mas infelizes os que, por suas dissensões, houverem retardado a hora da colheita”, afirma o codificador em “O Evangelho segundo o Espiritismo”, capítulo XX, Trabalhadores do Senhor.

Resta-nos o consolo, porém, de saber que as turbulências vêm e passam. É certo que deixam marcas no coração dos homens, mas também lhes ensinam a separar o joio do trigo.

Estudando as obras de Manoel Philomeno de Miranda V. Instruções dos Espíritos

Nº 398 – 25/01/2015

III. Os falsos profetas da erraticidade

O Consolador – (Thiago Bernardes)

Trilhas da Libertação

Questões preliminares

A. Podemos dizer, como Manoel P. de Miranda, que o Espiritismo preenche todas as condições propostas por Jesus a respeito do Consolador prometido?

Sim. Ele preenche todas as condições mencionadas por Jesus a respeito do Consolador prometido, ao mesmo tempo em que se fundamenta em uma filosofia de excelente qualidade, cujos postulados têm suas raízes no idealismo de Sócrates e Platão, sem entrar em choque com o pensamento oriental antigo, do qual se derivaram o Bramanismo, o Budismo, o Taoísmo.

(Trilhas da Libertação. Reflexões e Expectativas, pp. 39 a 41.)

B. Por que mesmo, cientes disso, há confrades que desertam das fileiras espíritas?

Lembrando que o Espiritismo impõe ao homem uma vida saudável, sem oferecer recursos para o escapismo insano, Fernando, o novo companheiro, que fora na Terra dedicado médium pertencente às fileiras espíritas, disse que – segundo seu pensamento – estaria aí a causa que tem levado muitos confrades à deserção, porque eles talvez prefiram uma religião que atribua menores responsabilidades aos seus profitentes.

Manoel P. de Miranda ouviu-o e intimamente concordou com ele. A dedicação com fidelidade e firmeza de caráter a qualquer causa, diz ele, é sempre grande desafio para o homem, especialmente por exigir-lhe vivência do ideal esposado com tolerância para com todos quantos lhe compartilhem ou não a opinião.

(Obra citada. Reflexões e Expectativas, pp. 39 a 41.)

C. A conduta do médium é importante para se manter a sintonia com os benfeitores espirituais?

Evidentemente. A respeito do tema, o irmão Vicente (mentor da casa espírita onde se realizava o atendimento aos enfermos) disse: “Há muitos médiuns, enganados e enganadores, neste momento tortuoso do mundo que, ao invés, de moralmente disciplinarem-se, justificam a conduta irregular, dissociando o mediano da pessoa, e alegando que, após a desincumbência do ministério, são criaturas iguais às demais, portanto com os mesmos direitos, especialmente na conturbada expressão sexual. Não discrepamos quanto aos direitos dos médiuns ou de outras pessoas, porém não nos podemos esquecer dos seus deveres de homens e mulheres probos, com responsabilidades no campo espiritual, que não podem ser conduzidas com ligeireza moral ou leviandade.

A conduta é muito importante, mental e física, seja de quem for, porquanto é através dela que se mantém a sintonia com os Espíritos, conforme também ocorre entre os homens na esfera social”.

(Obra citada. O médium Davi e o dr. Hermann Grass, pp. 46 e 47.)

Texto para leitura

17. O Espiritismo preenche todas as condições referentes ao Consolador – Fernando, após referir-se aos médiuns que buscam a autopromoção, no serviço da mediunidade, explicou que no passado também ocorriam esses fenômenos, mas em menor escala. Hoje, porém, as frivolidades campeiam, os disfarces e as simulações aumentam, e a indústria dos presentes, isto é, a retribuição aos favores mediúnicos mediante doações diversas, tem-se tornado uma motivação sub-reptícia para o envolvimento dos trabalhadores distraídos, com esquecimento do carinho e devotamento àqueles que não os podem recompensar e são, obviamente, os mais necessitados.

“Somos daqueles – asseverou Fernando – que consideram úteis todas as religiões dignas e filosofias espiritualistas, necessárias e portadoras de elevadas contribuições para o bem da sociedade. Entretanto, a viagem de retorno de um espírita a uma outra denominação religiosa surpreende-me, ao tempo em que lhe compreendo a conduta.

A surpresa decorre do fato de identificar no Espiritismo o Consolador prometido por Jesus, a Ciência que abarca o conhecimento sob diversos matizes, e a Filosofia esclarecedora, lógica, otimista, que propicia uma vivência ideal, seja sob o ponto de vista pessoal ou pelo inter-relacionamento social que proporciona, não havendo razão para quem a conhece desprezá-la.”

Lembrando que o Espiritismo impõe ao homem uma vida saudável, sem oferecer recursos para o escapismo insano, Fernando disse que se encontra aí a causa que tem levado muitos confrades à deserção, porque eles talvez prefiram uma religião que atribua menores responsabilidades aos seus profitentes.

Miranda ouviu-o, e intimamente concordou com ele.

O Espiritismo, pela sua simplicidade – anotou Miranda –, preenche todas as condições propostas por Jesus a respeito do Consolador prometido, ao mesmo tempo que se fundamenta em uma filosofia de excelente qualidade, cujos postulados têm suas raízes no idealismo de Sócrates e Platão, sem entrar em choque com o pensamento oriental antigo, do qual se derivaram o Bramanismo, o Budismo, o Taoismo.

Considerando o homem um ser integral, faculta-lhe a conquista da plenitude mediante o esforço pessoal, intransferível, acenando-lhe sempre com a possibilidade de conquistar novos e mais elevados patamares na escala evolutiva.

A dedicação com fidelidade e firmeza de caráter a qualquer causa, diz Miranda, é sempre grande desafio para o homem, especialmente por exigir-lhe vivência do ideal esposado com tolerância para com todos quantos lhe compartilham ou não a opinião.

Talvez por isso é que os mentores espirituais revelam grande preocupação com os companheiros encarnados, portadores de responsabilidades na área espírita, que se deixam distrair pelas querelas inúteis e debates injustificáveis na defesa de pontos de vista doutrinários, tomando rumos estranhos pelos desvios de rota e descuidando-se do essencial em favor do secundário. (Reflexões e Expectativas, pp. 39 a 41.)

18. O sinuoso caminho das curas e cirurgias mediúnicas – Iniciado o serviço com dr. Carneiro de Campos, a primeira fase das observações teve lugar em uma Sociedade Espírita na qual se realizavam cirurgias mediúnicas, beneficiando enfermos portadores de patologias variadas. Recebidos de modo afável pelo mentor da Casa, Miranda e seus companheiros notaram que, muito antes do início da reunião, o recinto se encontrava repleto de pessoas ansiosas, bulhentas e inquietas, bem como de Entidades viciosas, perturbadas e zombeteiras, em lamentável promiscuidade psíquica com seus hospedeiros, exsudando miasmas perniciosos que empestavam o recinto com altas cargas de energia negativa.

Diante da perplexidade de Miranda, o irmão Vicente explicou: “Nossa Casa foi fundada há mais de uma trintena de anos por abnegados corações, que planejavam dedicar-se à vivência dos postulados espíritas. Estabelecido o projeto e tendo-se em vista a excelência dos propósitos acalentados, fomos destacados para cooperar com esses amigos, de forma que o programa se tornasse realidade.

Naquela ocasião, as dificuldades para a materialização da ideia eram muitas, seja pelos preconceitos existentes na cidade, em relação ao Espiritismo, seja pela inexperiência dos mentores do grupo.

CAPÍTULO XXI – HAVERÁ FALSOS CRISTOS E FALSOS PROFETAS

Todos, porém, uniram-se com devotamento e deram início ao trabalho. Interessados em aprofundar os conhecimentos da Doutrina, para mais e melhor servirem, estabeleceram um roteiro de estudos e, a pouco e pouco, conseguiram uma casa de aluguel, que viriam a adquirir mais tarde, reformando-a, por diversas vezes, para que atendesse às necessidades de crescimento, resultando no bem equipado edifício no qual nos encontramos”. Após ligeira pausa, Vicente prosseguiu: “Alguns dos fundadores já desencarnaram e hoje cooperam conosco, tentando preservar os objetivos iniciais que os emularam ao labor.

Sucedem, porém, que no último ano, por distração, os atuais administradores, muito preocupados com os fenômenos mediúnicos, em detrimento dos objetivos essenciais da Doutrina, cederam às pressões psíquicas dos Espíritos levianos, e, não obstante as nossas incessantes admoestações e advertências, enveredaram pelo sinuoso caminho das curas e cirurgias mediúnicas, atraindo multidões de necessitados, portadores, porém, de total desinteresse pela cura real, que transformaram o recinto no tradicional pátio dos milagres impossíveis.

Diariamente, ou melhor dizendo, especialmente duas vezes por semana, desde a noite de véspera, afluem enfermos de todos os matizes, para a maioria dos quais a doença ainda é a melhor terapêutica de iluminação, desejosos, no entanto, da cura sem responsabilidade e da saúde sem compromisso de elevação moral”.

(O médium Davi e o dr. Hermann Grass, pp. 42 e 43.)

19. Um exemplo de simonia mal disfarçada – O mentor da Casa informou ter redobrado esforços para deter a invasão dos Espíritos perniciosos, sem faltar-lhes com a caridade fraternal; todavia, a ambição do sucesso e do estrelismo tomou conta dos companheiros encarnados, o que dificultava o auxílio a eles próprios. E aditou: “Esta a razão de haveremos solicitado a ajuda dos amigos que ora nos visitam”.

Miranda pôde então observar as instalações do Centro e notou que as construções magnéticas de proteção à Casa e a algumas criaturas permaneciam, mas, em razão do tumulto reinante e das descargas mentais arrojadas, enxameavam as ideoplastias perturbadoras, fazendo com que a psicosfera predominante se caracterizasse pelo baixo teor dos fluidos tóxicos.

Obsidiados com profundas parasitoses espirituais apresentavam enfermidades físicas, causadas pelos distúrbios provocados por seus perseguidores, em meio a portadores de cardiopatias graves, paralisias, neoplasias malignas, doenças oculares e respiratórias, numa variada e complexa gama de problemas cármicos, sem possibilidade de solução por motivos óbvios.

A leviandade grassava à solta, ao lado da simonia sob disfarce mal cuidado. Uma equipe vendia fichas de atendimento, sob a alegação de que o material utilizado nas cirurgias era de alto custo e o seu volume sobrecarregava a Sociedade, sendo, portanto, justo que os enfermos assumissem parte das despesas com o seu tratamento.

Todos anuíam com o absurdo, sem preocupação ética, interessados apenas em resultados que lhes parecessem favoráveis. Atraídos por bem urdida propaganda e pela divulgação através da televisão, que acompanhara algumas das incursões cirúrgicas, de todos os lugares possíveis chegavam aflitos em busca de solução para os seus males físicos, mentais, espirituais e morais.

Em dado momento, no salão abarrotado, alguém assomou à mesa sobre um estrado e, após despertar a atenção, arengou: “Está chegando o momento, fazendo-se necessário preparar o ambiente para as curas”. Depois de enunciar algumas palavras desconexas, à guisa de oração, e recitar, sem qualquer emoção, o Pai Nosso, que foi acompanhado em coro, sem nenhuma participação do sentimento, abriu um volume d'O Evangelho segundo o Espiritismo.

Ao fazê-lo, o irmão Vicente encaminhou-lhe a mão, em aparente gesto casual, e ele leu o título da página: **“Os falsos profetas da erraticidade”**. Foi visível sua reação psíquica à oportuna lição, que advertia sobre a interferência dos Espíritos irresponsáveis na condução dos homens invigilantes.

Com má vontade, como se estivesse a desobrigar-se de algo desagradável, o orador leu a mensagem, entretecendo a seguir comentários que nada tinham a ver com a leitura. Depois, procurou esclarecer os pacientes em relação ao comportamento durante e após as cirurgias mediúnicas, apelando para a dieta alimentar, com proposital olvido da de natureza moral e, sobretudo, da fé que dá merecimento.

(O médium Davi e o dr. Hermann Grass, pp. 43 a 45.)

20. Mediunidade sem Doutrina é qual veículo sem freio, rumo ao abismo – O dirigente nem terminara de falar, quando deu entrada no recinto o médium, cercado de protetores encarnados, que o acolitavam com mesuras e delicadezas perfeitamente dispensáveis. O grupo de companheiros era assessorado por Espíritos semelhantes, trêfegos e zombeteiros, que se compraziam tomando parte no séquito inusitado. Vicente esclareceu: “Sim, aquele é o nosso amigo Davi, que se entregou à mediunidade, derrapando, todavia, lamentavelmente, no personalismo doentio e na presunção exacerbada, agora experimentando complexo problema de obsessão com destaque na área da conduta sexual.

É o que sucede com frequência aos portadores de mediunidade, que se obstinam em desconhecer a Doutrina Espírita, que a todos propõe os programas saudáveis da moral e da iluminação íntima. Mediunidade sem Doutrina pode ser comparada a veículo sem freio avançando na direção do abismo.

A mediunidade é sempre compromisso de redenção que o Espírito assume antes da reencarnação, especialmente aquela que tem expressão ostensiva, rica de possibilidades para a edificação do bem nos indivíduos.

O nosso amigo Davi é consciente das responsabilidades que lhe dizem respeito no exercício mediúnico. Todavia, corrompeu-se, deixando-se subornar pelo dinheiro e presentes valiosos, que lhe despertaram velhas chagas morais do passado, então adormecidas, tais a vaidade, a soberba, a ingratidão e outras. Após vincular-se psiquicamente a hábil cirurgião desencarnado, porém antigo cidadão de péssimos costumes, entregou-se aos tratamentos mediúnicos, sem nenhum respaldo evangélico para sustentar-lhe o comportamento ético.

Vivendo a psicofera do companheiro afim e de outros comparsas, vem tombando no abuso das funções genésicas, asseverando que a mediunidade e a sua prática nada têm a ver com os prazeres atormentados do sexo sem amor.” O irmão Vicente fez pequena pausa e prosseguiu: “Há muitos médiuns, enganados e enganadores, neste momento tortuoso do mundo que, ao invés, de moralmente disciplinarem-se, justificam a conduta irregular, dissociando o mediano da pessoa, e alegando que, após a desincumbência do ministério, são criaturas iguais às demais, portanto com os mesmos direitos, especialmente na conturbada expressão sexual.

Não discrepamos quanto aos direitos dos médiuns ou de outras pessoas, porém não nos podemos esquecer dos seus deveres de homens e mulheres probos, com responsabilidades no campo espiritual, que não podem ser conduzidas com ligeireza moral ou levandade.

A conduta é muito importante, mental e física, seja de quem for, porquanto é através dela que se mantém a sintonia com os Espíritos, conforme também ocorre entre os homens na esfera social”. “Quem conhece a verdade assina compromisso com ela, e todo aquele que se identifica com os postulados da imortalidade deve viver de forma consentânea com essa crença, ou, do contrário, a sua é uma aceitação falsa, destituída de fundamento e legitimidade.” (O médium Davi e o dr. Hermann Grass, pp. 46 e 47.)

Elucidações de Emmanuel

Nº 416 – 31/05/2015

O Consolador – (Emmanuel)

V. Instruções dos Espíritos

IV. Jeremias e os falsos profetas

Entre falsas vozes

Se a preguiça te pede: “Descansa!”, responde-lhe com algum acréscimo de esforço no trabalho que espera por teu concurso.

Se a vaidade te afirma: “Ninguém existe maior que tu!”, retribui com a humildade, reconhecendo que não passamos de meros servidores da vida, entre os nossos irmãos de luta.

Se o orgulho te diz: “Não cedas!”, aprende a esquecer-se, auxiliando sempre.

Se o ciúme te segreda aos ouvidos: “A posse é tua!”, guarda silêncio em tua alma e procura entender que o amor e o bem são bênçãos do Céu, extensivas a todos.

Se o egoísmo te aconselha: “Retém!”, abre as tuas mãos e distribui a bondade com os que te cercam.

Se a revolta te assevera: “Reage e reivindica os teus direitos!”, aguarda a Justiça Divina, trabalhando e servindo com mais abnegação.

Se a maldade te sugere: “Vinga-te!”, considera que mais vale amparar constantemente o companheiro, quanto temos sido auxiliados por Jesus, a fim de que o amor fulgure em nossas vidas.

Os falsos profetas vivem nos recessos de nosso próprio ser. Surgem, cada dia, invariáveis, na forma da intriga ou da maledicência, da leviandade ou da indisciplina, induzindo-nos a cerrar o coração contra a consciência.

Se aceitamos Jesus em nosso roteiro, ouçamos o que nos diz o seu ensinamento e apliquemo-nos a prática de suas Lições Sublimes.

Olvidemos as insinuações da ignorância e da treva, da crueldade e da má fé, que nos enrijecem o sentimento e, de coração unido à Vontade do Mestre, vendo a vida por seus olhos e ouvindo os nossos irmãos, através de seus ouvidos, estaremos realmente habituados à posição de intérpretes do seu Infinito Amor, em qualquer parte.

Emmanuel, Levantar e Seguir, (psicografia Chico Xavier.)

Religião dos Espíritos
(Emmanuel)

V. Instruções dos Espíritos
IV. Jeremias e os falsos profetas

22 Ante falsos profetas

Acautela-te em atribuir aos falsos profetas o fracasso de teus empreendimentos morais. Recorda que todos somos tentados, segundo a espécie de nossas imperfeições.

Não despertarás a fome do peixe com uma isca de ouro, nem atrairás a atenção do cavalo com um prato de pérolas, mas, sim, ofertando-lhes à percepção leve bocado sangrento ou alguma concha de milho.

Desse modo, igualmente, todos somos induzidos ao erro, na pauta de nossa própria estultícia.

Dominados de orgulho, cremos naqueles que nos incitam à vaidade e, sedentos de posse, assimilamos as sugestões infelizes de quantos se proponham explorar-nos a insensatez e a cobiça.

É preciso lembrar que todos somos, no traje físico ou dele desenfaixados, espíritos a caminho, buscando na luta e na experiência os fatores da evolução que nos é necessária, e que, por isso mesmo, se já somos aprendizes do Cristo, temos a obrigação de buscar-lhe o exemplo para metro ideal de nossa conduta.

Não vale, assim, alegar confiança na palavra de quantos nos sustentem a fantasia, com respeito a fictícios valores de que sejamos depositários, no pressuposto de que venham até nós, na condição de desencarnados; pois que a morte do corpo é, no fundo, simples mudança de vestimenta, sem afetar, na maioria das circunstâncias, a nossa formação espiritual.

“Não creias, desse modo, em todo Espírito” — diz-nos o Apóstolo —, porquanto semelhante atitude envolveria a crença cega em nossos próprios enganos, com a exaltação de reiterados caprichos.

O ouvido que escuta é irmão da boca que fala. Ilusão admitida é nossa própria ilusão. Apetite insuflado é apetite que acalentamos.

Mentira acreditada é a própria mentira em nós. Crueldade aceita é crueldade que nos pertence.

De alguma sorte, somos também a força com a qual entramos em sintonia.

Procuremos, pois, o Mestre dos mestres como sendo a luz de nosso caminho.

E cotejando, com as lições d'Ele, avisos e informes, mensagens e advertências que nos sejam endereçados, desse ou daquele setor de esclarecimento, aprenderemos, sem sombra, que a humildade e o serviço são nossos deveres de cada hora, para que a verdade nos ilumine e para que o amor puro nos regenere, preservando-nos, por fim, contra o assédio de todo mal.